

# PESQUISAS

---

Antropologia nr. 10

Ano de 1960

---

OSÉ DE MOURA, S. J.

OS MUNKU

2.<sup>a</sup> CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA TRIBO IRANCHE



Gráfica da Universidade do Rio Grande do Sul  
imprimiu para

---

**INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS**  
Pôrto Alegre — Caixa Postal, 358 — Rio Grande do Sul — BRASIL

---

# PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

## Conselho de Redação

Balduino Rambo, S. J. — Diretor técnico e científico  
Aloysio Sehnem, S. J. — Secretário de Redação  
Inácio Schmitz, S. J. — Coordenador

-----

**PESQUISAS** publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em tôdas as línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos artigos assinados.

A publicação das colaborações espontâneas depende do Conselho de Redação.

✱

**PESQUISAS** veröffentlicht wissenschaftliche Originalbeiträge in allen geläufigen westlichen Sprachen.

Verantwortlich für gezeichnete Aufsätze ist der Verfasser.

Die Aufnahme nicht eingeforderter Beiträge behält sich die Schriftleitung vor.

✱

**PESQUISAS** publishes original scientific contributions in any current western language.

The author is responsible for his undersigned article.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redactional staff.

-----

**Pesquisas** aparece em 4 secções independentes: **Antropologia, História, Zoologia, Botânica.**

✱

**Pesquisas** erscheint bis auf weiteres in 4 unabhängigen Reihen: **Anthropologie, Geschichte, Zoologie, Botanik.**

✱

**Pesquisas** is divided into four independent series: **Anthropology, History, Zoology, Botany.**

-----

**Pedimos permuta com as revistas do ramo.**

✱

**Wir bitten um Austausch mit den entsprechenden Veröffentlichungen.**

✱

**We ask for exchange with publications of similar character.**

# PESQUISAS

---

Antropologia nr. 8

Ano de 1960

---

JOSÉ DE MOURA, S. J.

## OS MÜNKÜ

2.<sup>a</sup> CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA TRIBO IRANCHE

### ERRATA

*No cabeço das páginas pares, onde diz "Antropologia n.º 8", leia-se "Antropologia n.º 10".*

Gráfica da Universidade do Rio Grande do Sul  
imprimiu para

---

**INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS**  
Pôrto Alegre — Caixa Postal, 358 — Rio Grande do Sul — BRASIL

---

## OS MÜNKÜ

### 2.<sup>a</sup> CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA TRIBO IRANCHE

JOSÉ DE MOURA, S. J.

#### INTRODUÇÃO

Depois dos primeiros dados publicados em Pesquisas 1, 1957, tivemos oportunidade de visitar novamente a tribo Iranche (cujo nome autóctone é münkü) no mês de dezembro de 1959, prolongando nossos estudos até fins de fevereiro de 1960. Desta excursão resultaram novos dados lingüísticos numerosos, além de uma boa coleção de lendas, em parte colhidas em iranche, em parte no linguajar semi-sertanejo por meio do qual os membros do grupo se comunicam com o mundo dos brancos; também recolhemos outros dados relativos à cultura não-material da tribo.

Este trabalho reproduz da primeira publicação apenas os dados indispensáveis para sua compreensão.

No que se refere às lendas transcritas em português, conservamos, tanto quanto possível, a feição concreta do português semi-sertanejo. Apenas se deu uma forma menos primitiva, quando o sentido exigia uma linguagem mais exata.

#### PRIMEIRA PARTE

##### ANOTAÇÕES SOBRE A CULTURA NÃO-MATERIAL

###### 1. O Território

Os Münkü consideram seu o território compreendido entre os paralelos 12 e 13 sul e os meridianos 57 e 58 W de Greenwich. A tradição diz que habitavam antigamente uma re-

gião mais ao leste, a leste mesmo do rio do Sangue. Hoje a tribo não guarda recordação do antigo solo pátrio. Dizem os Münkü que os homens ao saírem da grande pedra, conheceram o território original da tribo, pois lá estava a pedra-mãe.

A tribo, como sabemos por informação, não habitou nunca a margem esquerda do rio Cravari. Nesta região efetuaram apenas corridas de caça e pesca.

Os missionários jesuítas, que trabalham com a tribo, exigem que os Münkü habitem o seu território, para que não percam o direito das terras.

## 2. As Nações conhecidas

Conhecidas pelos Iranche são as seguintes nações: a Salumá, a Poimi.á, a Kurali.

Os Salumá, habitantes do norte, são os índios Canoeiro. Esperamos para breve uma informação científica sobre estes índios. São antropófagos, talvez os únicos antropófagos atuais entre as tribos indígenas brasileiras. Duvidou-se muitos anos dos depoimentos dos Münkü a respeito dos costumes antropófagos dos Salumá. Por falta de conhecimento exato da tribo, não se deu valor ao depoimento: não se sabia bem onde situar a tribo a que os Münkü se referiam. Hoje está comprovado cabalmente o fato, depois das provas aduzidas pelo missionário jesuíta P. João Dornstauder, que fez a pacificação dos Canoeiro.

Os habitantes do leste são os tradicionais inimigos dos Münkü — os Poimi.á, ou seja os Beicho-de-páu. A tribo não é conhecida ainda. Arredia e mesmo infensa, não é, entretanto, antropófaga.

As duas tribos Münkü e Poimi.á eram antigamente amigas e pacíficas, ao menos em relação recíproca. Dizem os Münkü que o casamento mútuo dos membros era relativamente comum. Um certo índio de nome Joaquim, falecido no Cravari provavelmente por volta de 1950, é apontado como um índio da tribo Poimi.á.

Sucedeu que uma mulher Münkü foi assassinada por um patrício. O marido, da nação Poimi.á, procurou desforra e movimentou muitos índios Poimi.á. Rompeu-se uma luta encarniçada e com ela veio para as duas tribos uma eterna inimizade.

Os habitantes do sul são os Kurali, chamados também Pareci. Os Münkü distinguem, ao que parece, grupos entre

os Pareci, chamando a um dêles de Peroli. Não se sabe ao certo que grupo seja êste dos Peroli.

Faz tempo os Pareci eram adversários poderosos dos Münkü. Depois de certo tempo houve paz. São tribos amigas mas não se nota entrosamento íntimo entre ambas.

Além destas tribos de territórios limítrofes, os Münkü comemoram outras duas: a Nhanman-nhanlu ou Caiabi e a Ionade ou Nambiquara. Estas duas tribos são comemoradas por tradição. Os membros atuais da tribo Münkü os vieram a conhecer ultimamente no período de aculturação intensa.

Os jovens nada disseram a respeito dos Caiabi. A respeito dos Nambiquara, julgaram no primeiro encontro em Utia-riti no posto missionário dos jesuítas, fôssem pessoas civilizadas. Logo a seguir viram que a fala era muito diversa e os costumes primitivos traíam outra realidade. Identificaram a tribo como sendo a Ionade dos seus maiores.

Uma espécie de tribo ou grupo não bem entendida por nós é a dos Maimüakü, algumas vêzes identificada com os Salumá, outras vêzes afirmada como tribo distinta do norte.

Entretanto pode-se concluir que o fato de virem os Iranche do leste ou melhor do nordeste trará mais tarde luzes para investigações posteriores.

Afirmam ainda que os Beço-de-páu subiram os vales do rio do Sangue e do Rio Cravari. Portanto os Beço-de-páu são índios que de longa data fazem parede-meia com os Münkü, coisa que não sucede com as outras tribos.

Comparando os Münkü com as tribos circunvizinhas, temos que é uma tribo de poucos membros. Em 1948, ano em que se abriu à aculturação, afirma o Pe. Dornstauder que o cálculo mais razoável é de terem sido os Münkü em número de 250 índios. Hoje são 53 índios. Foram menos e tendem a aumentar, graças à educação e vida morigerada da tribo em estado de aculturação.

O que apresentamos aqui no entanto é a vida nativa da tribo nos elementos não-materiais. A aculturação será apresentada em trabalho a parte, quando Deus permitir.

### 3. Família

A família é monogâmica. Não tive informação de poligamia.

O casamento é preparado com bastante antecedência. Não tivemos notícia de casamentos obrigatórios.

Assim se realiza o ceremonial: A moça pede ao pai do moço a mão do futuro marido. Por própria conta o moço procura a tia da moça e faz o seu pedido. A tia diz ao moço: "Você casa e mata muita anta." O moço responde: "Estou alegre e vou ajudar o pai dela!" Depois disto os dois nubentes passam a morar juntos na casa da moça. Estão casados. Isto testemunhou Clovis.

A respeito da concepção, não tive informação sobre influências estranhas ao ato conjugal.

Os Münkü acreditam que ainda no ventre da mãe os fetos seguem as conversas das mães. Testemunhou Inácio Kaiolí que êle próprio seguia as narrativas e lendas da mãe, assim como todos os Münkü.

No nascimento o pai corta o cordão umbilical com uma taquara bem afiada e guarda a couvade.

Clovis Nhanurí conta que logo depois do nascimento de uma criancinha, o pai foi ao mato cortar vara e à roça plantar mandioca. Com isto a criancinha quebrou o braço, o pescoço e morreu.

Se a mãe morre, a criancinha é enterrada junto com ela. No caso de doença mortal ou desespero de salvação a criancinha é queimada viva.

A nomenclatura do parentesco, tendo por base o filho, é a seguinte:

O pai e a mãe, indistintamente chamam os filhos de: arekulepá.

O filho chama o pai de: areian;

o filho chama a mãe de: aremi.ú;

a filha chama o pai de: aremãinhã;

a filha chama a mãe de : aremümãinan.

O irmão mais velho chama o mais novo de: puhiná;

o mais novo chama o mais velho de: ainá;

o mais velho chama a irmã mais nova de: areküapü;

o mais novo chama a mais velha de: aremüpuli.

A irmã mais velha chama aos mais novos de: areküapü;

a mais nova chama aos mais velhos de: aremüpuli.

Os tios são designados com os nomes paternos e maternos: areian, aremi.ú, aremãinhã, aremümãinan.

Os primos são designados com os nomes fraternos: puhiná, ainá, areküapü e aremüpulí.

As meninas são educadas no medo da flauta ietá. As mulheres não a podem ver. Se os homens sabem que alguma mulher a viu, matam-na.

Manoel Maria Tupi é responsabilizado por diversas mortes dêste estilo. Asseveram diversos índios que êle chegou a matar cinco mulheres numa só ocasião, por causa dêste crime de verem a ietá.

As meninas e as mulheres flexionam o verbo a seu modo. As mulheres têm partido decisivo nos conciliábulos da tribo.

#### 4. A Sociedade

A vida entre os cônjuges, assim como na sociedade permite certos tratamentos físicos de caráter rijo. Muitas lutas corporais com aparato de rixa são interpretadas como carinho.

Não se usa o beijo.

Os pais em família e os homens em sociedade usam de ação física para educação ou repressão moral, vitupério ou incentivo.

Usa-se do castigo corporal para que os filhos façam o que os pais mandam, como tive oportunidade de ver pessoalmente em dois casos: num o tikiandá Antônio Tamunlí deixou o filho Atanásio Iolací sem comer por ter desobedecido e faltado o respeito; noutro o tikiandá José Taburá surrou o filho Bartolomeu Napokó e lhe lançou pedra e pedaços de pau até que êste obedeceu e acompanhou o pai, indo à caça.

Os münkü têm noção de posse. Posse individual são os objetos de uso, a casa e a roça.

A posse não é desenvolvida por comércio lucrativo. Há troca de interesse puramente de conveniência ou por motivos estéticos. Não há troca para ulterior valorização.

Usam também do direito do bem comum. O indivíduo em particular tem direito ao bem comum, quando se torna forasteiro ou visitante. Seus bens também são considerados pelos outros, bem comum. Pode o visitante lançar mão de objetos dos outros e vice-versa. Os Münkü, por própria conta vão pondo ressalvas a êste direito tão largo e se opõem à alienação, escondendo os objetos, procurando troca ou mesmo reavendo as preciosidades em tempo posterior.

Os Münkü usam do sistema de sinais para indicar ausência e direção que tomam nas viagens, assim como para sustar o avanço dos inimigos.

Fincam um pau no meio do caminho, racham-no com

dois talhos cruzados e colocam na fenda uma vara: está feito o sinal de viagem. A direção da vara na fenda indica a direção tomada. Quando na fenda colocam uma flecha, o sinal é feito para os inimigos. E' sinal de guerra e hostilidade. Clovis afirma que os Münkü viram os **tikóli** (apelativo dos **Poimi.á**) abandonar o campo de luta depois de darem com os sinais proibitivos. O mesmo se verificou com os tremendos **Salumá**.

Os Münkü não são guerreiros mas defendem-se valentemente no caso de ataques.

O tikiandá é o chefe ou capitão. Governa a parte da tribo que lhe foi confiada por sucessão. A sucessão se processa por dinastia: o filho mais velho, por ocasião da morte do pai toma a direção do grupo.

Não se tem notado nenhuma característica totêmica.

As mulheres têm parte no conselho deliberativo da tribo mas a decisão pertence ao tikiandá.

O feiticeiro, por virtude própria ou seja por influência de seus venenos e domínio psicológico faz às vezes sombra sobre o tikiandá e sobre todo o grupo.

Resta-nos ainda muito campo de investigação a respeito da natureza da autoridade e mando dos índios.

## 5. Crenças

Os Münkü possuem a divindade **Taka.á**. E' descrita como um ser espiritual: "é mesmo como a alma — **paloci moianan**". Não tem mistura nenhuma de matéria. Não é casado. E' dono e conhecedor de todas as coisas. E' concebido como morando numa grande casa (**iní**). Quem quer pode morar na sua grande casa. Quem lá morar tem privilégios.

Nesta vida o Münkü tem obrigações de viver a vida tribal, de obedecer ao tikiandá. E'-lhe proibido matar, roubar e cometer adultério. O uso dos venenos é próprio dos iniciados na feitiçaria.

A realidade temerosa é o bicho-papão, ou cousa semelhante, que os Münkü chamam de **ainan**. E' assim descrito: um grande macaco branco, de couro liso. Só tem cabelo na cabeça e mancha vermelha nas costas junto ao sovaco. Um rabo de metro e tanto termina o tronco e se apoia em pés de sapo. De noite anuncia a presença por meio de um pio, identificado depois como de um passarinho encontradiço tanto

na vertente da bacia paraguaia como na amazônica. Infelizmente não pude verificar a espécie nem o píó.

O ainan mora nos grandes cupins da mata. E' preciso não confundir êstes grandes cupins com os similares do campo e cerrado.

Clovis narrou-me dois casos acontecidos com o ainan: "Um certo Münkü foi caçar. Assobiou chamando macacos e bugios. Ouviu então uma voz a dizer: — "Para que você chama? Não chame não, aqui não há macaco. Volte para casa!"

O rapaz estava com vontade de caçar e foi adiante. Não viu ninguém. O fenômeno repetiu-se três vêzes. Na quarta vez que assobiou, viu um ainan num grande cupim a repreendê-lo.

Correu de volta e chegou quase sem fôlego à casa do amigo, donde saíram a caçar. O amigo o tranquilizou dizendo que o ainan não os comeria.

Queimou um pouco de urucum na soleira da portazinha da casa e pelas paredes. Mal acabou de queimar, quando o ainan chegou. Dando com a fumaça, abandonou a casa e nunca mais apareceu."

Os Münkü usam ainda os processos de atirar com arco e flecha, assim como dar pauladas no ar e nas coisas que vão encontrando. As vêzes dão aspecto endemoninhado ao rosto quando executam as surras.

Os Münkü não temem a morte mas sim o ainan, porque êste é o comedor dos cadáveres e pode comer as pessoas vivas. Como na ocasião da morte o ainan vem para comer o cadáver, há perigo de que mais alguém vá comido do bicho-papão. Dêste mêdo é que nascem as encenações dramáticas dos Münkü quando algum índio morre.

Para provar esta avidez do ainan para roubar crianças e para comer pessoas, conta Clovis o fato de ter o ainan roubado uma criança, tê-la amarrado e fugido com ela. Já ia alto pelas árvores, quando os gritos do pequeno chamaram os jovens. Dois dêles deram com o grande macaco branco e logo o flecharam. Largou a criança ainda amarrada e desapareceu.

O ainan só tem poder sôbre o corpo, sôbre a matéria. A alma quando morre vai logo para o céu, pois se uma pessoa morre é porque o Grande Tikiandá a chamou. Deus não gosta de que os Münkü briguem entre si. Quando dois querem brigar, o Grande Tikiandá chama um dêles ou os dois.

Quem mata o homem pròpriamente é Deus, o Grande Tikiandá: êle é quem chama os homens.

Os Münkü são adversários decididos da reencarnação. Contou ainda Clovis que um homem, mal tinha morrido, quis continuar a vida na terra. De nada adiantou, porque logo foi mordido por uma aranha e três dias depois faleceu de novo. Andou por um lugar que hoje é campo de aviação e lá morreu e ficou insepulto. A mulher dêle logo caiu doente também.

Acreditam que o homem vive só uma vida neste mundo.

Quando chegam no outro mundo, vão para as alegrias do céu. Acreditam os Münkü que não há demora alguma entre a morte e a chegada ao céu.

O céu fica situado um pouco para cá da lua e lá Deus tem a sua casa.

Chegando ao céu, a alma — **paloci** — toma um banho para ficar forte. A doença acabou a pessôa, precisa esta de um banho restaurador. Isto se consegue com a infusão de casca de um arbusto do cerrado, comumente chamado de "casca", por ser sua casca rugosa e proeminente, de franjas de cortiça avantajadas. O banho é preparado por infusão da casca, a frio. A água toma a côr da pele indígena. Por isto é que as almas continuam Münkü, da côr de Münkü mesmo. Sôbre a pele se deposita uma camada grossa, protetora.

O céu é a eterna juventude. Quando morre um velho, o banho faz com que se torne jovem. Quando morre uma criança, esta cresce quase instantâneamente e se torna jovem.

Ninguém morre no céu: a alma é imortal.

Não se fala de prêmios nem de castigo: todos ficam de posse de uma felicidade.

As almas têm a faculdade de voltarem à terra em forma de animais mansos: cantam no mato e de noite, brincam em volta das casas dos Iranche. Demoram-se três dias na terra e voltam para o céu. Ninguém escapa a estas visitas a menos que se refugie na casa do Grande Tikiandá. Lá ninguém se transforma em animal.

Diz Clovis que hoje em dia as almas demoram-se apenas três dias no passeio pela terra, antigamente demoravam-se muito tempo. De tempo em tempo elas, sem esperar, se transformam em animal manso e aparecem na terra, para voltar depois de três dias para o eterno "manketa".

## SEGUNDA PARTE

## A L Í N G U A

## § 1 — VOCABULÁRIO

No trabalho de 1957 empregávamos uma grafia. Tendo, porém, observado muitas variantes na pronúncia das palavras, resolvemos simplificá-la nesta nova publicação. Tomamos como base o modo de escrever brasileiro, acrescentando alguns sinais estranhos para indicar pronúncias especiais.

- a — soa como “a” brasileiro.
- ã — como em brasileiro. Só o empregamos quando em ditongo e o “a” não pode ser afetado por “m” ou “n” e tem som nasal.
- .a — o ponto antes do “a” indica que o “a” é de som natural mas destacado da sílaba anterior. O ponto representa um forte hiato. A sílaba anterior é mais demorada que as outras componentes da palavra.
- b — como em português.
- b — som intermédio indefinido entre os sons naturais “b, m, p”.
- c — como o “c espanhol”. A língua se mete um tanto entre os dentes e o som natural de “c” recebe uma característica de aspiração lingual-labial.
- d — como em português.
- e — como em português, mas sempre indica som fechado.
- é — como em português. Som pouco usado. Carrega sempre um acento consigo. A sílaba é mais demorada que as outras.
- g — como em português. Som sempre duro. E’ usado na grafia aqui, sem a companhia do “u”, portanto, a grafia é mais simples que a portuguesa.
- h — aspiração. “h” reduplicado é sinal de forte aspiração. Quando existe aspiração depois de “n”, usamos um hífen (-). O hífen indica continuidade de dicção. O “h” precedido de hífen vale como aspiração. Não precedido de hífen mas unido imediatamente ao n, funciona como grupo normal português de “nh”.
- i — como em português.

- ì — “i” com acento grave indica um som aproximado ao “i francês da palavras chagrin”.  
 j — como em jortuguês.  
 k — som natural duro, valendo pela grafia “c” de som gutural duro, assim como a do “qu”.  
 l — como em português.  
 m — como em português.  
 n — como em português.  
 o — como em português. Som sempre fechado. Não descobrimos som aberto aceito por todos e a pouca abertura que notamos uma que outra vez é muito pequena e não foi confirmada pela pronúncia de vários índios.  
 ö — som próximo da sílaba “oe latina” e do “ö alemão”.  
 p — como em português.  
 r — como em português, mas sempre som brando, como na palavra “caro”.  
 s — como em português mas de som sempre duro e forte.  
 t — como em português.  
 th — vale como um “t aspirado”, coisa parecida com o “th inglês”.  
 u — como em português.  
 ü — pronuncia-se como “u francês”: lábios em “u” e língua pronunciando “i”.  
 v — quase como “v” brasileiro mas um pouco mais suave. Este “v” se aproxima um pouco do “u”.  
 x — como em português mas o som de “ch”.  
 y — som produzido com os lábios em “i” e procurando pronunciar “u”. O som sempre afeta um pouco a garganta. Algumas vêzes a aspiração gutural é forte, mas não encontrei confirmações que permitam regras gerais, no sentido de se tomar grafia especializada.

As pronúncias que implicam forte hiato seguem a grafia adotada na letra “.a”: .e, .i, .o, .ö, .ü, .y.

— A —

a.á — pau, madeira, vara

aambê — tronco

ah — significado desconhecido. Aparece antes de algumas palavras, como refôrço de expressão.

- ahh — sim. (Pronúncia com violenta sucção de ar para dentro da boca)
- ahí — ver, espiar
- ahí — paca
- ahi.ín — espiar, verificar
- aiauaiu — árvore
- ainá — irmão mais velho
- a.iahá — arco-íris
- aiahí — achar
- ãinhã — macaco “bicho papão”
- ãinhã — fogo
- ãinhanli — bola (feita de leite de mangaba)
- ainonoci — fogo
- aipoletã — fazer biju
- aká! — á!
- akebú — nada, não existe
- akeptohú — faltar
- akeptoní — fim, acabou-se
- akirente — língua
- akohí — tucano
- akoli — tucano
- alamehü — banana (pacova bôa)
- alapu — pacova
- alauci — piuva
- alenu — morrer
- ale-ü — abacaxi
- alikiu — sedimentação da chicha
- alohú — sonhar
- aloi.ín — fincar
- alokalipi — ficar
- alolein — fincar
- alo.ú — pedra
- alú — papagaio
- alueri — urubu branco
- amanahê — fruta de veado
- amehü — fruta
- ameniauri — lagarta, das que queimam a pele
- amiú — espinho
- amohú — fruto
- aná — ouvido, ouvir, orelha
- anakipú — surdo (ana: ouvir; akepú: não)
- anaptohú — surdo (não vai ouvir)
- ani — êle
- anintata — derrubar
- anká — comer

apanan — aqui  
 apaxanan — ali  
 apexi — flor  
 apurá — bugio  
 arê — eu  
 areian — meu pai (quando o filho fala)  
 arekanein — é meu  
 arekaninasanandá — foi seu  
 arekaninxeminan — é seu (homem fala)  
 arekeki — companheiro  
 arekiapü — minha irmã mais nova  
 arekohí — ir atrás  
 arekulepa — meu filho  
 aremâin — minha irmã mais velha  
 aremâinhã — meu pai (filha fala)  
 aremümâinan — minha mãe (filha fala)  
 aremüpuli — meu irmão mais velho  
 aremüú — minha mãe (filho fala)  
 areü — meu  
 ataká — mostrar  
 atoci — apă  
 atohú — peneira  
 atsí — marimbondo  
 atxorani! — entro! (resposta a quem saúda chamando)  
 atxuntaiohú — lançar para baixo  
 atxü! — interjeição depreciativa  
 auá — levar, carregar, roubar  
 auasí — roubar  
 auatasiní! — grito no comêço do pega-pega  
 auloleü — sangrar  
 auití — mutum

## — B —

**bainhohú** — ficar cansado  
**bainí** — quero  
**balalümbá** — chorar  
**balanaci** — amarelo  
**balanici** — carrapatinho  
**balümbá** — chorar  
**balüü** — manso  
**banici** — carrapato  
**banmaí** — grande  
**banonmanimbá** — tossir

basonbaninbá — tossir  
 bemankimbá — sobancelha  
 beualá — agradecer (behü e ualá)  
 beuasini — é bom  
 bihú — dente  
 bihuín — dôr de dente  
 biú — dentro  
 bixi — coração, buraco  
 boiasohú — acordar  
 bokulohú — sair  
 böhy — penis  
 bübü — nós

## — E —

eipama? — onde?  
 eivüá — vermelho  
 ekije — pai de mel  
 ekípu — seio, mulher (mulher casada)  
 epá (e.pá) — nascer  
 epaime? — donde?  
 epama? — onde?  
 epankekü? — donde de cima?  
 epimãipoti? — que está fazendo?

## — G —

gutakeci — olho  
 gutakehê — olho

## — H —

hiú — vento

## — I —

ian — meu pai  
 iadiin — catar piolho  
 iaikihi — orelha  
 iaikülü — madeira de fazer fogo (sp.)  
 iake-ê — arame

- iakibá — face  
 iakikiú — casa de buriti  
 iakimbaci — barba  
 iakokala — calango (“do mato, feio”)  
 iakuli — lábio  
 iakuli — flauta de Pã  
 iakuxi — cravador (faca)  
 iakü — bacaba  
 iaküaci — madeira de fazer fogo (instrumento)  
 iakülü — fazer fogo, madeira de...  
 ialapali — brigar  
 ialauê — araruta  
 ialimpalinkianá — parecido no rosto  
 ialumbá — mentira, mentir  
 ialumbaci — mentira  
 iaman — pedaço  
 iámaci — veado  
 iamací — pequeno  
 iamanan — dar  
 iamanankeitá — colhêr feijão  
 iamanankiní! — dá para gente grande  
 iamanptohú — crescer (iaman e pu e tohú)  
 iamantakiní! — dá para criança!  
 iamapu — grande (pequeno não)  
 iamatohú — diminuir (ficar pequeno)  
 iamantohú — diminuir  
 iamö — coatá  
 iamtá — dar  
 ianan — ouvir, escutar  
 ianankeitá — colher algodão  
 ianankiní! — entre! (saudação de entrada)  
 ianankitaci — madeira canela  
 ianankú — entrar  
 iantali — caminhão (neolog.)  
 iatehê — cavanhaque  
 iauá — bicho  
 iauaiauli — bicharada  
 iauli — máu, que não serve  
 iauohú — adoecer  
 idaiatutohú — ficar tonto  
 idamaitakehê — meio dia  
 idía — veneno de flecha  
 idinin — cobra (sp.)  
 iehín — doer  
 ieiohú. — alegrar-se

- ieivüá — vermelho  
ienü — piolho  
iepte — muito  
iepte.ê — tudo  
ieptemoindá — eles todos  
iepú — quatro (cinco não)  
ieripkalohú — tornar-se amargo  
ieripú — amargo  
ietá — flauta supersticiosa “jararaca”  
ietehê — cabaça  
ikama? — por que?  
ikamani? — como?  
ikeci — faveira  
iki — peito da mulher  
iki — doce  
ikia — doce  
ikia — morar  
ikiatsi — formiga  
ikipu — peito da mulher, mulher  
ikipukana — leite materno  
ikuxi — unha de pássaro  
ileci — calor  
ilehê — sol, quente  
ilehú — ferida  
ilerohu — fazer calor  
imbalihü — rir  
in.hín — beber  
iní — casa  
inienü — cascavel  
inimpá — defluxo  
inke.ê — cajueiro  
in-nhã — caminho  
intân — despejar  
intxi.in — produção de fumaça  
inxakehü — cordão umbilical  
inxi — fumaça  
inxiran — relâmpago  
iocí — tatu pequeno  
iodê — caçar  
iohtatopá — esfregar madeira para produzir fogo  
iolehê — fedido  
Ionade — Nambiquara (Outro ruim)  
Ionadí — Nambiquara  
iondekaná — ontem  
iongeganá — ontem

- ioní — outro  
 ioniehê — de novo, outra vez  
 ioniehü — depois  
 ionixü — depois  
 iontapü — diferente  
 iopá — alto  
 iopãinpahá — sôbre, acima, no alto  
 iopankekü — em cima  
 ioptahianian — é do outro  
 iotapxi — o outro  
 iökaná — certo  
 ipisto — ser enterrado  
 ipkepú — castidade (desonestidade não)  
 ipki.ú — desonestidade  
 iri — passarinho  
 iriksa — ouriço cacheiro  
 iriku — ouriço cacheiro  
 iripkalohú — tornar-se amargo  
 itá — vergonha  
 itakeci — ipê, piúva  
 italohú — ficar com vergonha  
 itamalô — levantar-se  
 iteci — queixo  
 iti — pássaro  
 itukú — deitar-se  
 iudá — ira  
 iudá — casca de piqui  
 iudá — guizo feito de semente de piqui  
 iuiohú — secar  
 iukaioli — desistir, mudar de decisão  
 iulá — espinho de pau, farpa de flecha  
 iulapá — menino, filho  
 iunali — onça  
 iuni — bugio  
 iuöhê — fervura da chicha  
 iuomö.i — macaco preto  
 iuraci — cascavel  
 ixi — chicha de mel  
 ìnankatci — joelho  
 ìun.ì — fruta de capim do mato  
 ìun.ì — urubu preto

## — J —

- jentata — lutar corpo a corpo  
 jiín — gemer

## — K —

- ka.á — flecha  
kabutaci — ponta de flecha  
kadeleirá — coxo, entrevado (andar não)  
kadelí — sucuri  
kade.ü — andar  
kaiamampá — estar acostumado  
kaianankú — entrar  
kaingeí — trave mestra  
kaintakü — chamar  
kaintekalepá — quebrar o bico  
kakapulí — pena de tucano  
kakaurí — fazer necessidade  
kake.í — flecha, taquara  
kakeü — flecha  
kaktuxi — jacutinga  
kalamu — fruta do mato  
kalamuiauri — fruta do mato ruim  
kalamuiauri — goiaba (neol.)  
kalapü — pacu  
kalapüü — beliscar  
kalatahi — borboleta  
kale.ê — abrir  
kalehü — atravessado  
kaleimenetian — é meu (mulher fala)  
kalekikiá — aberto  
kaleli — puxar  
kaleneinxi — verde  
kalenti — pescoço  
kalipá — furar, penetrar  
kaliti — rede dos civilizados  
kalituku — depressa  
kalituku — deitar em rede de civilizado  
kalô — muito  
kaloti — virar, tornar-se  
kalülü — arrastar  
kalüü — abrir  
kamihin — nariz  
kamoikirá — podre  
kamoikirú — mole  
kamokiru — mole  
kananka — depressa, imediatamente  
kanankahü — sem demora  
kanankatoibani — quero sair logo

- kanká — morder  
 kanká — morder  
 kanein — ter  
 kanondaci — fino e escuro  
 karapulí — respeitar  
 karapulí — obedecer (neol.)  
 karapulipu — preguiça  
 kare.ü — caçar, sair  
 katata — arara amarela  
 katavá — urutáu  
 kau.ê! — Ora essa! (importado dos Pareci?)  
 kekana — ficar, permanecer  
 kemã — bugio  
 kântapu — só  
 kentapuê — um  
 kentapxehú — só um  
 kentapxi — um por um  
 kentapxi — só um  
 ketxiní — cova  
 keuanci — clareira no mato  
 keuhun — quero  
 kia — perto, nas imediações  
 kiamani? — que?  
 kiamihin — nariz  
 kiaipxi — perto  
 kialírú — fazer ligeiro  
 kiankalá — jararaca boipeba  
 kiankali — jararaca ..  
 kikiaimani? — como?  
 kimani? — que? para que?  
 kini — imperativo, manda execução  
 kiti — preto  
 kitohú — tornar-se preto, escurecer  
 kiulupali — feio  
 klauvakehü — cajueiro  
 klauytikú — tornar-se, virar  
 kletata — arrancar mandioca  
 kohü — atrás, ir atrás de  
 kokon — tia  
 kolehü — ralar mandioca  
 kolepá — lavar mandioca  
 koletan — ralar mandioca  
 komãitamaci — feijão miúdo dos Iranche  
 komãitama.í — feijão grande dos Iranche  
 komãiteru — feijão

- kotu — pesado  
koupá — criança de peito  
koxí — gambá  
köiá — gostoso  
kökaná — irmã  
kökülü — mau  
kötümbá — casar-se  
Köuá — Civilizado  
ku.há — amarrar  
kuitakeci — amendoim  
kukuhí — gavião  
kulakulá — galinha (neol.)  
kulakulahí — galinha, ver galinha  
kulapá — menino, criança, filho  
kulapakci — lado  
kulapakü — lado de cá  
kulapali — feio; vergonhoso  
kulapapakü — lado de cá, alguém  
kulapöpá — abraçar  
kuleidukú — cuidar  
kulupali — feio  
kulupali — vergonhoso  
kulupali — demônio, demoníaco  
kumakakú — levantar-se  
kumantamaxi — feijão grande  
kuminxí — passarinho (sp.)  
kunixixí — dedo minguinho  
kurakê — jatobeiro  
kurakí — jatobeiro  
kuralí — amigo  
Kurali — Pareci  
kuratiamuncí — pão de milho (neol.)  
kuratiamuncí — biju de milho  
kuratkeci — grão de milho pequeno  
kuratkeci — cana (neol. — igual milho)  
kuratu — milho  
kuritakehê — amendoim  
kuriuxi — porongo pequeno  
kutakeci — olho  
kutakekimbahí — pestana  
kuteci — olho  
kü — acender fogo  
kükama? — Por que?  
küküakü — boi d'água  
kükülü — gostar

kümen? — como? que?  
 künekü — juntos  
 küüpá — coceira

## — L —

laleü — brincar, jogar  
 lapatoluná — enterrar vivo  
 lauakipi — tucum  
 leirá — não (neg. absoluta)

## — M —

ma.an — estrume  
 ma.í — grande  
 maiamê — grosso  
 mãicí — resto  
 mãi.hiauaci — dedo grande do pé  
 maikepú — pé  
 mãikiaci — canela  
 mãikianá — mãikianã — chicha de mandioca  
 mãikiapakimã — para lá  
 mankümesohú — engordar  
 mãi.nhã — pai  
 maiohú — crescer  
 mãipahá — fora, lá fora  
 mãitakü — perder  
 mãitalohú — joelho  
 mãito — interrogar, perguntar  
 mãitxi — peito do pé  
 mãixohú — brotar mandioca  
 makaani? — quando?  
 makexí — cotia  
 makiatkeci — semente de capim  
 makiatkeci — arroz (neol.)  
 makü — morcego  
 malaintá — bonito, belo  
 malatolainí — fico triste  
 malatolumbá — triste  
 malatolohú — ficar triste  
 malenkixí — cupim  
 maletülü — sujo  
 malula — tatu grande

mam.ti — gordura  
manan — água  
manan — fazer  
manan — trabalhar  
manan — matar  
manan — carregar no chiri  
manainí — apertar  
manainú — trabalhar, fazer  
mananaisô — aprontar  
manekaná — em todo lugar  
manehú — tersol  
manketá — céu  
mankampakimã — para lá  
mankinauinú — mosquito  
mankipi — unha de pássaro  
mankuloli — amanhã cedinho  
manühün — ombro  
mapiu — peito  
maptekeci — costela  
mapuli — pena de gavião  
mapuxi — barba  
marohú — clarear do dia, madrugada  
maromü — amanhã, amanhã cedinho  
maronkehü — amanhã  
marumã — amanhã  
masaká — bacaiuveira  
mata — chupar  
matci — cabeça  
matehide — cabelo  
mateiakuli — macaco cabeludo  
mati — frio  
matinipá — ventosidade do anus  
matixaná — cheio  
matkipú — careca (cabelo não)  
matoleixi — grilo  
mehtapaci — estômago  
mehü — bom, certo  
mehümnehin — está bom, está certo  
mekimpahá — na frente  
mekiú — de vagar  
Men-inhanlú — Caiabi  
mérumã — pronto  
méroní — acabar  
meropümmihü — limpar  
mesohú — melhorar, sentir-se bem

mesohú — acabar, chegar ao fim  
metktokini! — você vá na frente!  
mia — matrinchã  
mi.á — homem, varão  
mia taka.á — homem civilizado, trovão  
miamipú — velho  
miatapa — peixe  
miatiumala — homem barrigudo  
mihin — dentro, buraco  
miman — braço  
mimanci — mão  
miman-hnankanti — movimento do dedo  
mimankabase.í — polegar  
mimankapuxi — pêlo do braço  
mimankepçi — jogo do cotovêlo  
mimanmoidati — dedo médio  
mimantoluxí — cotovelo  
mimenketá — pele  
mimihauakepsí — jôgo do pulso esquerdo  
mingsohú — tornar-se prenhe  
mimpci — umbigo  
minünkü — o que manda, chefe  
miopu — macuco  
mipi — fio  
mipto — adulto, crescido  
miptohú — amadurecer, secar  
mitá — ovo  
miucí — cheiroso  
moiamã — porco do mato  
moiamehê — abóbora  
moianan — também  
moita — céu  
moitá — carne  
mokecí — pescoço  
moke.í — nunca  
mokionaci — cará  
mokirú — mole  
molehü — lavar mandioca  
moletan — ralar mandioca  
mompê — roça  
mopö.í — roça  
moraimi — ficar tonto com fumo  
motohú — de tarde, entardecer  
moxehü — lavar, limpar  
moxi — porco do mato pequeno

möci — genitais masculinos  
 mögnan — avô  
 möhü — primeiramente  
 mö.í — comprido  
 mölinan — avô  
 mö.ö — fumo  
 möt.li — novo  
 muhú — chuva  
 mukanan — mesma cousa, igual  
 muli — pau que dá tinta preta  
 mulin — idem  
 muümümateke.í — melancia  
 muümüünmataci — abóbora (assar comer)  
 mühú — dente  
 mün.hin — fazer-se escuridão  
 mün.ín — espiga de milho  
 mün-ci — umbigo  
 münini — mandar  
 münki-ú — rama de mandioca  
 münklori — faz tempo, antigamente  
 münktohú — escurecer  
 münktomü — de noite  
 münktü — noite, durante a noite  
 MÜNKÜ — IRANCHE, gente  
 mün.ú — mãe dêle  
 münxi — mandioca braba  
 münxohú — brotar rama de mandioca  
 müpü — cabaça da flauta ietá  
 my.in — mandioca  
 muinkey — rama de mandioca  
 mypy — cabaça  
 myt.li — novo

## — N —

nadepiu — marido  
 nadeptohú — velho, envelhecer  
 nadepu — casar-se (homem fala)  
 naimihí — fígado  
 nāinamahan — depois, então  
 naimetaci — calango doméstico  
 naingatú — rótula  
 naingegená — agora  
 nakatá — branco

nakehü — escroto  
 nakenalin — jogar fora  
 nakeuxi — escroto  
 naki — lançar terra (no entêrro)  
 Namãinhanlí — Apiacá  
 naman-iulapá — naman.iulapá — menina  
 namankiulapá — menina  
 namanohú — com fome, ficar com fome  
 namüü — moça, mulher não casada, mulher  
 namkatci — jogo do joelho  
 namm — êles  
 namtatemün — afundar  
 nhamantasiin — afiar, afinar  
 nhãmeiã — meu pai, nosso pai  
 ninkaungená — amar  
 ninkunkehú — amar  
 numa — dois  
 numaxohú — salvar alguns  
 numpakihú — vísceras  
 nün — de... (prefixo relativo)  
 nünkaná — o mesmo

— O —

oapá — esperar  
 odú — céu, lugar de recompensa, de felicidade  
 odumehü — laranja (neol.), “fruta bôa, do céu”  
 oê — deixar lugar, sair  
 oeienxi — dependurar do alto, do teto  
 oehí — sair, deixar  
 oeicí — fugir para fora  
 ohití — doce, doce de chupar  
 ohtugmá — encontrar gente  
 o.í — fundo  
 o.í — buraco  
 oialalá — cobra (sp.?)  
 oidukú — sentar-se  
 oimpahá — para frente, para diante  
 oiná — brasa  
 oin-iu — sedimentação do polvilho  
 oiolalá — jacutinga  
 oirabú — lua  
 oitamá — centopéia  
 oití — chupar, engulir

olapakehü — pau justa-conta  
 olipalí — voar  
 olipapá — porque (resposta)  
 oma.i — espécie de jacutinga  
 omihí — caverna, gruta  
 o.ná — filho  
 onkukú — torto  
 opá — acima, em cima, alto  
 opahiantalí — avião (do alto caminhão)  
 opakekü — o de cima  
 oparohú — brotar, ir para cima, ficar alto  
 opürü — anta  
 otakülü — para cima  
 otalohú — tirar mel  
 o.ú — plantar, furar, fazer buracos  
 o.ú — jacú  
 oupani — hoje  
 ouxaurí! — vem cá, ruim!  
 oxepaká — sair da rede  
 ökeci — pau bugre  
 ötapá — nu

## — P —

pahá — deixar  
 paiadê — planta (sp.?-beringela?)  
 painhohú — cansar-se, cansado  
 painhoneptani — descansado  
 pakahá — barra de rio  
 pakalepá — tomar banho  
 pakepkaná — ir atrás  
 palãikiú — correr  
 palalukú — rasgar, apodrecer, estragar-se  
 palankiú — correr  
 palin — bicho de pé  
 palipalipú — fazer desaparecer, levar embora  
 paloci — espírito, alma  
 pamá — trovão  
 pamán — pegar, segurar  
 pamankalá — ajuntar na mão  
 pani — pedir  
 panimen? — quem? quem é?  
 panimenetini? — quem é?  
 panimenikeneitini? — de quem é?

paniní? — quem?  
 pankulohú — nadar, atravessar nadando  
 panlan — castigar  
 papci — abelha bujuí  
 papui — rêde  
 pase.ê — cantar, rezar  
 patá — terra  
 patangaci — macaco vermelho  
 patankehú — embaixo  
 patekipú — três  
 patekití — cinza  
 paten — patrício, companheiro  
 patoimení — terra boa (pata e mehú)  
 peman — testa  
 piambá, piambaci — estrêla  
 piambakanankeci — canela  
 pimanci — tatu pequeno (sp.?)  
 pin-hauai, pin .hauai — veneno  
 pin.lí — remédio  
 pিরeririkí — azul  
 piuci — faca  
 piulali — adstringente, que prende na bôca  
 pohú — crescer, vingar  
 po.í — mato  
 poiá — depressa, rapidez  
 poiarohú — acordar depressa  
 poiatci — mata de nascente de rio  
 poihú — brotar  
 poikatí — mata de nascente de rio  
 poimehú — mato bom, terra boa  
 Poi.miá — Beijo-de-Pau (homem do mato)  
 poiti — narrar, contar, dizer  
 poitpá — conversar, contar  
 poiuhú — crescer do mato  
 pokolein — encolerizar-se, castigar  
 pöt — se (condicional)  
 puhiná — irmão mais novo  
 puipian — de braços  
 puiirá — gritar  
 puitá — fôrça, esforço  
 puitalohú — apertar, comprimir  
 puitatemü — pisar com fôrça  
 pukulari — sair  
 pypy — faca

## — S —

sabukú — voar  
 sakalu — pau de fazer fogo, instrumento de, fósforo  
 salohú — preguiça  
 salokixí — deitar-se  
 Salumá — Canoeiro, o que come  
 sauá — carregar, roubar, levar  
 sauaxahü — trazer  
 sauaxatohú — buscar (tirar, vir, ir)  
 seleü — tirar  
 sen.ín — você, seu  
 seü — tirar (também: se.ü)  
 sikiú — areia  
 sikiú — cair, descer  
 sin.ín — guardar  
 sipokú — morar, demorar-se  
 sirupá — cobra (sp.)  
 sonjí — papagaio pequeno (sp.)

## — T —

tabykecí — genitais femininos  
 tâikipú — não querer  
 taikiutohú — voltar para trás  
 taiminí — bom tempo, boa temperatura, bom ar  
 taka — êles  
 taka — todos  
 Taka.á — Deus (O que sabe)  
 takaapaní — não sei  
 takahá — saber  
 takalohú — pensar  
 takapani — não sei  
 takarohú — sair  
 takapsohú — esquecer-se  
 take.ê — piqui  
 takepü — pulseira  
 take.ü — direito (lado)  
 takimanleirá — mulher não casada  
 takimanleirá — mulher não casada  
 takümbá — casar-se (mulher fala)  
 takümbá — preparar, arrumar  
 taleirá — não quero  
 talili — trovão

- talopaní — quero  
tamalohú — esticar  
tamkipú — não querer  
tamnamahan — depois, então  
tamoindá — eles  
tamotá — vagem grande (sp.?)  
taná — viver  
tanasohú — ir viver, ir vivendo, ter mais vida  
tanasotaiohú — ressuscitar por si (vivo por si querer  
ficar)  
taniaso — ressuscitar (viver de novo)  
tapixá — juntar pedaços  
tapxí — anular (dedo)  
tatá — soltar, atirar  
tatakalara — soltar e arrebentar  
tatalohú — soltar, ir soltando  
tatapalahí — espirar, ver  
tate.í — piqui  
tatüke.ü — cerne mole (qualquer)  
te-hín — assar, assar biju  
tehü — tirar mel  
tehü — mel  
teiamtá — pedir para derubar  
teimá — procurar  
temì — aranha  
temì — longe, mais adiante  
tempalo — abrir  
tempaloloahú — furar, ir furar  
tepá — furar, abrir, rachar  
tepi — fechar  
teptiín — fechar buraco  
teptimbalahú — deitar terra na sepultura  
tepxotá — enterrar  
teulaná — lançar hálito  
thuthu — assoprar, tocar flauta  
ti.hín — defecar  
tikakú — quebrar  
tikiandá — cacique, chefe  
tikóli — inimigo  
tikpci — rabo  
tikipú — cauda da ave  
tipalahí — catar piolho  
tipuku — apagar  
tipuku — cegueira  
tiumalá — homem barrigudo

timan — longe  
 tohú — ir, andar  
 tolitukan — dormir sozinho  
 tolituku — ir dormir  
 tolonampá — plantar, meter planta na cova  
 tolonanampá — enterrar pessoa  
 toluná — polvilho  
 tooli — buriti  
 topü — brincar de peteca  
 tosanán — entrar  
 tostakohú — chegar  
 toto — mamila do peito da mulher  
 totü — angu do mel  
 to.ú — arrancar mandioca  
 toulonaná — cavar raso  
 toxaahí — passear, ir e voltar de viagem  
 toxintá — chamar  
 tuku — ventre, barriga  
 tulanan — cheirar  
 tumanci — curto  
 tumani — pica-pau  
 tutata — cuspir  
 tutohú — esfriar assoprando  
 tütse — assoprar  
 tumbaleü — traspassar  
 tüüpá — balançar-se  
 txikehü — pente  
 txuntxi — periquito

## — U —

uaipamá? — como?  
 uaituhú — amontoar  
 uaiuhú — febre  
 ualá — falar, dizer  
 ualaleirá — mudo  
 ualosá — perguntar  
 uandekapá — repartir, dividir, distribuir  
 uatali — môsca  
 uatapá — pomba  
 uaxiko — fruta de lobo  
 udá — ira, vingança  
 udatohú — enraivecer-se, vingar  
 uhaptohú — perdoar, não se irar

uhú — vento  
 uití — chupar  
 ukeiti — secagem de massa de biju  
 ulakú — correr sangue, sangrar  
 ulakulepá — derramar  
 ulapá — menino, filho  
 ulapaipakü — lado de lá  
 ulehü — ferida, chaga  
 uleví — raio  
 ulipá — bater  
 umalein — deixar, permitir  
 unân — batata  
 una.á — cará  
 unamonohú — estar com fome, ficar com fome  
 unkunkehü — alí  
 uoidukú — sentar-se  
 uoirikulahü — sentar-se e olhar  
 upaxirupá — gibóia  
 urí — ruim, mau  
 utá — pegar  
 ülipú — sacudir  
 üntamá — esposos, espôsa  
 üntamá — casar-se (mulher fala)  
 üpü — comer gente, comer carne

## — V —

vakalá — garça  
 valohú — redemoínho  
 vatuolí — todos, todos juntos  
 vaxiná — taquara de flauta

## — X —

xahü — vir, voltar  
 xáikú — arrebentar  
 xapaci — asa  
 xarekutohú — passear  
 xatakoní — chegou, chegar  
 xatokohú — chegar  
 xauá — encontrar, carregar  
 xen — você, seu  
 xenkaneín — seu

xenta — chamar  
 xentata — empurrar  
 xentatohú — buscar, levar, andar cá e lá  
 xentatohú — ir chamar  
 xetohú — levantar algo  
 xetü — tomar conta, guardar com cuidado  
 xe.ü — seu, de você  
 xietukú — levantar-se  
 xikian — gavião fumaça  
 xiki.ü — tamanduá  
 xiküso — tamanduá  
 ximakú — aparecer  
 ximapte.ü — fechar, não aparecer  
 ximihú — medo, ficar com medo  
 ximiú — assustar-se  
 xiní — azêdo  
 xiniohú — azedar  
 xipexí — cipó urubamba  
 xipiu — sair  
 xipkihú — panela  
 xipkiuci — panela, panelinha  
 xiun-anpinmehü — manga (fruta bôa)  
 xixehü — suar  
 xuná — cocar de penas  
 xunku — mergulhar  
 xuxi — cordão umbilical  
 xuxi — intestino

— Y —

ymtamá — casar-se, ato sexual  
 ypå — desonestidade  
 ypy — fazer desonestidade

## § 2 — ESBÔÇO GRAMATICAL

A palavra na língua iranche não é formada exclusivamente de um radical com terminações específicas. E' formada muitas vêzes por diversos radicais aglutinados, seguidos de alguma terminação específica de categoria gramatical e determinado sentido.

Ex.: totãilauá = **to manan sauá** (ir água buscar).

Neste exemplo se verifica uma expressão complexa dentro de uma unidade, que os índios pronunciam como sendo de uma só palavra.

Os radicais, em formas primitivas ou já em temas, funcionam como sufixos.

Esta formação iraniche de palavras, facilita a criação de neologismos, principalmente com o uso de radicais que gerem a significação de "coisa igual, parecida, diferente..."

Na ordem dos radicais, a sequência não tem ainda regra escrita. Usa-se tanto da ordem direta como da inversa.

Também na composição do fraseado não notei regra especial, a não ser a colocação do verbo no fim.

Nos primeiros meses de estudo da língua, anotava rigorosamente a colocação dos temas que ia descobrindo, parecendo-me ser regra sem exceção o uso da ordem inversa à do português. Hoje em dia já não sucede o mesmo dada a intensa aculturação da tribo.

Mais e mais escassos os elementos originais de trabalho e observação direta, torna-se sumamente difícil estabelecer regras fixas.

As partículas mais responsabilizadas na formação de neologismos são: **pu** e **ke**.

## 1 — PARTÍCULAS UNIVERSAIS

Antes de entrarmos na exposição pormenorizada das categorias gramaticais, como são o substitutivo, o adjetivo, etc., é necessário expor alguns elementos de valor universal.

As partículas que vamos estudar penetram por tôdas as categorias com mais presença que outras. O gênio da língua facilita o entrosamento de radicais mas alguns dêles têm predomínio.

**KAL, KAR, KALO:** expressam uma idéia de desenvolvimento, de multiplicação, plenitude.

**KE:** indica semelhança, procedência, causalidade.

**MAN:** traz consigo noção de alguma realidade transcendente para a vida. A êste núcleo parecem pertencer: **AN, NAN, MA.**

**PU:** sendo uma negação parcial, tem amplo uso. A esta negação se associa um outro radical: **LEIRÁ.**

As formas com que aparece a negação são: **Let, pt, terá.**

## 2 — SUBSTANTIVO

### A — Desinências

Encontram-se todas as vogais como desinência de substantivo. Mas alguns grupos silábicos chamam a si algum sentido específico:

CI — indica muitas vezes o diminutivo.

KÜ — significa uma pessoa ou causa relacionada com o significado do tema anterior; significa aquê que governa.  
ex.: opankekü — aquê que governa em cima.

XIXI — diminutivo reduplicativo: muito pequeno.

### B — Gênero

Apenas possuem gênero as palavras relacionadas com a família humana.

Veremos depois que as flexões masculinas e femininas são de características pessoais e valem para toda a expressão. O gênero se aplica ao verbo, onde a mulher tem sua flexão diferente da conjugação masculina.

### C — Número

Não há flexão numeral por meio de sufixo. Exprime-se o número por meio de adjetivo numeral.

Apenas no verbo se aplica a flexão numeral.

### D — Grau

O aumentativo se obtém com a expressão dos radicais **kalo** e **iepte**.

O diminutivo pelas desinências **ci** e **xixi**, pelo uso da negação **pu** e por fim, pelo radical **iama**.

Os Iranche não apresentam flexões especiais para o pejorativo.

Também não estranharam, na aculturação, o uso do grau na língua portuguesa.

## 3 — ADJETIVO

Não se nota desinência própria para os adjetivos. Quanto ao processo de formação dos graus, veja-se o que ficou dito acima na parte dos substantivos.

Também usam para os graus o processo de justaposição de idéias, afirmando de uma cousa o que se nega na outra.

O mais original talvez nesta forma de comparação seja afirmar uma coisa de uma pessoa e afirmar intensamente a mesma cousa de outra.

Ex.: Tupi mehü — Tupi é bom  
 Manti.í mehü, Tupi iepte mehü iepte.ê. —  
 Manti.í é bom, Tupi é muito, muito bom.

Nunca se viu o uso de artigos nem definido nem indefinido.

Passamos agora a algumas categorias de adjetivos:

#### A — Possessivo

Meu — areü	Nosso — Arecan, nhã
Seu — sen.ü	Vosso — Sameian
Dêle — an, nüm, ni	Dêles — Nam

#### B — Relativos e Demonstrativos

Não se encontra forma especial para estas classes de adjetivo. Usa-se para o relativo as formas possessivas e pronominais pessoais.

Para o demonstrativo se emprega o advérbio.

#### C — Interrogativos

Que? — kíkama? kikamá?

KIKA é um radical usado para perguntas de um modo geral.

**Panimenê, Panimen** — desejam saber alguma cousa particular de pessoas principalmente. — Transferem o sentido para outros significados: qual? quanto? quando.

#### D — Numerais

Os numerais indefinidos são: Muito, Algo: **iepte**; muito, em grande quantidade: **iepte.ê**; Nada ou quase nada ou muito pouco: **akepu**.

Êstes indefinidos são tão indefinidos que pouco ou nada influem na apreciação de uma quantidade.

Os numerais definidos são:

Um — **Kentapuê**; Só um — **Kentapxi** (também: um por um).

Dois — **Numá**.

Três — **Patequipú** (pouco usado). Emprega-se às vezes **Numá**.

Quatro — **Iepú** (praticamente inusitado).

Cinco — **Iepte**.ê (tudo, todos os dedos).

Outras quantidades definidas não se expressam por palavra e só por designação de tantos sinais quantas são as coisas.

Não se pôde averiguar nada a respeito dos numerais ordinais.

#### 4 — PRONOMES

Dou aqui somente os pronomes pessoais, pois as outras categorias pronominais seguem os adjetivos.

Eu — **arê**

Tu — **séin, xen**

Ele — **ani**

Nós — **vatuali, nhan**

Vós — **sein, san**

Eles — **nhe, nan, tamoinda**

Do caso oblíquo, observamos apenas a forma **nün**, com a significação de origem: do qual, da qual.

#### 5 — VERBOS

Quanto aos verbos não há clareza ainda. Há formas indevassáveis em sua significação.

As flexões verbais são: de pessoa, de número, de modo, de tempo, de gênero, de voz.

A flexão de gênero é a originalidade da língua. As mulheres flexionam o verbo de modo diverso do do homem.

Não nos foi possível positivar tôdas as espécies de tempo, parecendo-nos haver o perfeito grego, indicando uma ação do passado que continua ainda no presente.

Além dos modos empregados na língua portuguesa, parece-nos que possuem modos exóticos, exprimindo, por exemplo, a intensidade de uma ação; outro expressaria um desejo.

Quanto ao número, parecem usar o dual ou seja uma forma de expressão com respeito a duas coisas ou pessoas, tanto para a primeira, como para a segunda e também para a terceira pessoas.

Pode ser que no acervo de nossas notas, encontremos também a voz média, ao lado das conhecidas: ativa e passiva.

Não tendo certeza de todos os ingredientes em estudo, passamos ao quadro das flexões positivadas e testadas.

### Voz Passiva

Usa-se uma desinência para o passivo: KIKIA.  
ex.: manankikiá — ser, estar, foi morto.

### Significação Especial de Estado

Viu-se que na primeira pessoa do indicativo presente, encontra-se a desinência **raní**, portadora do significado de estado: ação em continuidade ou estado. Assim:

painhorani — estou cansado  
palãinkiuarani — estou correndo  
atxorani — estou entrando, estou dentro  
kuluparorani — sou feio  
malãintorani — sou bonito

A mulher usa da terminação **raran**, para o mesmo efeito: painhoraran, palãnkuiuran, atxoraran, kuluparoraran, malãintoraran.

### Flexão da Voz Ativa

#### Indicativo Presente Masculino

arê itukulopani — eu vou dormir, durmo  
xen itukutini — você vai dormir, dormes  
aní itukini — êle vai dormir, dorme  
vatuoli itakareiná — nós vamos dormir, dormimos

#### Indicativo Presente Feminino

arê itukulopasan — eu durmo  
xen itukutiá — você dorme (também: tian)

**Indicativo Pretérito Lendário**

singular: itukumakreiundá

plural: itukumakmeiundá (outras vêzes: itukumakre-mündá).

Também se usa às vêzes demorar-se na sílaba **mak**: itukumak.reiundá, itukumak.meiundá.

**Imperativo Masculino**

singular: itukiní; plural: itukaikiní.

**Imperativo Feminino**

itukiran.

Observação: além da terminação, o plural conta ainda com o sufixo ou partícula **ka**, para sua designação.

Muitas terminações ou desinências permanecem ainda em estudo para definitiva comprovação: mundá, mündá, namündá, pundá, piundá, andá, münundá, sanan, mini, hiah.

Também não conseguimos saber ainda o sentido exato da forma que aparece no vocabulário como infinito. As vêzes aparece a mesma forma com significação de pretérito.

Também a única forma de futuro é a composição do verbo em questão com o verbo ir.

**6 — ADVÉRBIO**

Nota: de capital importância é o conhecimento dos advérbios, muito usados, talvez a base da língua.

**Lugar:** apanan: aqui; unkunkehí: alí; perto: kiaipxi; temí: longe; biú: dentro; pahá: fora.

**Tempo:** oupaní: hoje; iondekaná: ontem; muklori: outrora; maromü: amanhã; nangegená: agora; nainamahan: depois (então); kananka: sem demora; poiá: logo, rapidamente; mekiu: de vagar.

**Modo:** mehümnehín: bem, certo; iurimnehin: erradamente, mal; também: moianan.

**Quantidade:** iepte: muito; iama: pouco.

**Afirmação:** mehü: certo, sim; pahá: livremente, pode.

**Negação e Dúvida:** lerá: não, nunca; pu: talvez (raro).

## 7 — ALGUMAS EXPRESSÕES

Tosanankini! Tosanampahá! — Entre! Pode entrar!  
Atxoraani! Tosanaiani, tosanarani! Apanã ualá. — Es-  
tou entrando, estou dentro! Agora (aqui) falarei.

Oiduitukuankani! — Senta, deita, come!

Ankaleira itukulipãinhoxaraani. — Não vou comer. Dei-  
to-me, estou cansado.

Epimãimoiti? — Que está fazendo?

Eptoranãita, mãikeroimpahá. — Estou andando, vou pa-  
ra outra aldeia.

Epimaneixa manalãixatini? — Onde você estava, chovia?

Mananleirananta. Jukulo oxepaka. Tolopani. — Não es-  
tava chovendo. Vou sair da rede. Vou-me embora.

Aptoleirakini, iunalüpsantani! Atakareiki, aptokini, ian-  
loinkih! — Não vá por aqui, uma onça o come! Aqui, por  
aqui, outro caminho (mostrando)!

Xipirokini! — Vem comigo!

Manãinuhdarãianda! — Tenho que trabalhar! (não tra-  
balho, mas vou...)

## TERCEIRA PARTE

### L E N D A S

#### Alo.ú poiti — A História da Pedra

Esta história, como todas as outras foi contada diver-  
sas vezes, de forma diversa. Pormenores que se narravam  
numa, não apareciam noutras vezes e outros desconhecidos  
surgiam. Assim é que acrescento os elementos desconheci-  
dos à narrativa publicada em Pesquisas nr. 1, 1957.

Os iranche que mais concorreram para esta lenda são: Clovis Nhanuri e Armando Uiakuri.

Damos primeiro o texto em iranche tal como o registramos numa fita de gravação magnética. Logo depois segue o texto em português. A tradução devia ser juxta-linear, mas como a impressão resultaria muito difícil enumeramos as orações para comparação dos dois textos. A seqüência das palavras no iranche e na tradução portuguesa costuma ser a mesma por se tratar inicialmente de tradução juxta-linear.

1 Mökü münkü iepte aloma.í ikiamakmeiundá. 2 Eipamá eikianamatini takaapani. 3 Alomahü mäikiapakinan. 4 Alomahü ieiketaptini. 5 Münkü iepte pukulamak.meiunda. 6 Münkü kentapuê kuminxi klaötetsimak.reiundá. 7 Ualamakreundá: 8 "Ara pukulo alaropani." 9 Apexi tosauali tosanamakreiundá. 10 Ialumbámatolumbamakreiundá. 11 Ioni mäitoni: 12 "Kikiaimanetini matolumbatini?" 13 "Apanan kiulupali. 14 Mäipahá maläintá!" 15 "Uipamá a.neeni?" 16 Kununxi mäitaci apexi aua atakamakreiundá. 17 Ualá ioní: 18 "Maläintá! 19 Oenampani!" 20 Ieptehê moinã ualamakmeiundá. 21 Miamipu uala: 22 "Oeiuri! 23 Mäimpahá alenku pötlomini." 24 Ualá iepte.ê: 25 "Miamipu iauri! 26 Poiakaloöretani! 27 Mäimpahá alenkuleitopani!" 28 Iauaiuli iepte xentamakmeiundá: 29 quentapuê pukuloiauaiaulixentamak.reiundá. 30 Näinamahan iauaiuli alomahü a.mak.reiundá. 31 Näinamahã ahí kankatekalepapumak.reiundá. 32 Makixikianan tepapumak.reiundá tepapukaun.inkante-kalepámak.reiundá. 33 Iauaiulí iepte.ê tepapukau.inmak.meiundá. 34 Kentapxi kamak.reiundá, 35 mühú kante-kalepalí toh.mak.reiundá. 36 Tamnamahan ionioli kastahmak.reiundá. 37 Nünkabühü miktumak.remündá. 38 Alomahü tepakikatinmak.reiundá. 39 Namnamahã mía teulanamak.reiundá alokamokiní. 40 Tumaní takaxentakimak.reiundá. 41 Tumaní ualamak.reiundá: 42 — "Iauaiuli bihú tikaku. 43 Bihú kalipaleirá! 44 Arê puitopani tempalopani!" 45 Tamnamahan tumani tepaapiumak.reiundá. 46 Tamnamahan münkü iepte.ê oehímak.rebümündá. 47 Iaurinamahã ximapteümak.reiundá. 48 Ialumbáualá: 49 "Bihúiauri, bihimpani!" 50 Miatiumalá ualá: 51 — "Tepinkini!" 52 Miamipu ualá: 53 "Opani, tepkini!" 54 Ioni ualá: 55 — "Tepinkini!" 56 Miamipu: — "Apiukembani!" 57 — "Teptimpuretani!" 58 Tatatüplehü. 59 Miamipupiudá. 60 Nangegená alenkulera-tana. 61 Tamnamahan münkü iepte.ê oömak.meiundá: 62

Münkü künékü, Kõuá künékü, Maimüakü künékü. 63 Iep-te.ê oidukú: 64 Kurali, kurakê; 65 Namáinhanlu, aritake.ê; Poimi.á, inke.ê; 67 Ionadi, (?); 68 Kõu.á Keuatamante.ê; 69 Saluma, (?); 70 Münkü, idatatúke.ü. 71 Tamnamahan Münkü, Kurali, ieptehê künahan ikiamak.meiundá. 72 Tamnamahan uramnamanan ikiatãimkipumak.meiundá.

1 Primeiramente os homens todos numa pedra grande moravam. 2 Onde moravam antes não sei. 3 A grande pedra fica para o leste (para o lado do rio do Sangue, onde os Iranche moravam primeiro). 4 A grande pedra não se sabe onde esteja. 5 Os homens todos saíram. Assim: 6 Um homem só um em passarinho se transformou. 7 Falou: 8 — “Eu vou sair e dar uma olhada.” 9 Uma flor colheu e entrou. 10 De mentira ficou triste. 11 Um outro pergunta: 12 — “Que foi? Por que está triste?” 13 — “Aqui é feio. 14 Lá fora é bonito!” 15 — “Como é que espíou?” 16 O passarinho, escondido, a flor tirou e mostrou. 17 Falou o outro: 18 — “Que bela! 19 Eu quero sair!” 20 Todos também disseram (o mesmo). 21 O velho (ancião) falou: 22 — “Sair é mau! 23 Lá fora morrem se saem.” 24 Falaram todos: 25 “O velho não presta! 26 Vamos sair depressa! 27 Lá fora não vamos morrer!” 28 Os bichos todos chamaram: 29 um dêles saiu para chamar os bichos. 30 Entretanto o bicho viu a pedra. 31 Então a paca mordeu, furou um pouco e quebrou o dente. 32 A paca também não furou, quis furar um pouco e quebrou o dente. 33 Os bichos todos quiseram furar um pouco. 34 Um por um chegava, 35 o dente quebrava e ia-se embora. 36 Entretanto outro ia chegando e voltando. 37 Dêstes os dentes ficaram quebrados. 38 A grande pedra quase ficou furada. 39 Então homem lançou seu hálito e a pedra ficou mole. 40 O pica-pau chamou. 41 O pica-pau falou: 42 — “Os bichos os dentes quebraram. 43 Dente não fura! 44 Eu tenho força vou abrir!” 45 Então o pica-pau abriu, olhou dentro. 46 Depois então os homens todos foram saindo todos. 47 O velho (mau) não apareceu. 48 Falou de mentira: 49 “Estou com dor de dente, quero ficar no buraco!” 50 Um homem de barriga grande falou: 51 — “Fecha!” 52 O ancião falou: 53 — “Espera, não feche!” 54 Outro falou: 55 — “Fecha!” 56 O velho: — “Não quero sair!” 57 — “Vou fechar!” 58 Fecharam e ficou lá. 59 O ancião se enraivece. 60 Agora não morreu, está vivo. 61 Assim todos os homens saíram: 62 Os Iranche juntos, os Civilizados juntos, os

Grandes juntos. 63 Todos se sentaram: 64 Os Pareci em jatobeira; 65 os Caiabi noutro pau (bonito); 66 os Beijos-de-pau, em cajueiro; 67 os nambiquara, em jatobeira pequena; 68 os Civilizados em um pau mole; 69 os Canoeiro, (?); 70 os Iranche, ficaram no centro em um pau mole (também). 71 Então os Iranche, os Pareci, todos juntos moraram. 72 Depois os Brabos também morar não quiseram.

### Münkü poiti — A História da noite

1 Muklori münkü pepte.ê aloma.í ikiamak.meiundá. 2 Nāinamahan iauá iepte.ê māimpahá ikiamak.meiundá. 3 Mía mioci kōlotipakulomakremündá. 4 Ideleirá. 5 Münkü kaiamanpatini. 6 Nāinamahan kanondaci kipkiuci ioci mānāimāmak.reiundá. 7 Lauakipi oeieximāk.remündá. 8 Nāinamahan pimānci pūpy numakmeiundá poixatatakini. 9 Nāinamahan pimānci pokulomāk.reiundá. 10 A.mak.reiundá. 11 Pūpy ualá: 12 — “Kialirukini! 13 Atxuntaiokini, poiarekiní!” 14 Pimānci lauakipi xainkini. 15 Nāinamahan xipkihiuci sikiumak.remündá.

16 Nāinamahan inximak.reiundá. 17 Mūnkini. 18 — “Iukaipalimak.reiundá!” 19 Pimānci, pūpy palankiumak.meiundá. 20 Ioci xaamak.reiundá. 21 Xipkiuci amakreiundá. 22 Ualá: 23 — “Panimeni?” 24 “Ani tatakaramaitini.” 25 Pakepkaná omak.reiundá. 26 Pūpy aiani. 27 Nāinamahan pimānci māitamihiimak.reiundá. 28 Ioci pūpy ualamak.meiundá. 29 Pūpy ialumbalamak.eiundá: 30 “Anitataleirapaan dá.” 31 — “Panini anintatamaitini?” 32 — “Takapani!” 33 Ioci tolotini. 34 Nāinamahan pimānci ualamakreiundá: 35 “Xipiukini toni”. 36 Nāinamahan pimānci xipiukumak.reiundá. 37 Tamnamahan ioci tapixamakreiundá, 38 xipikiamaci kalapiumak.reiundá. 39 Ioniehê oeihamak.reiundá. 40 Nāinamahan marumanmak.reiundá, 41 nāinamahan mūnktumak.reiundá. 42 Marotahmak.reiundá mūnktutahmak.reiundá. 43 Nāinamahan marumanmūnktohú: ilehêleirá.

1 Faz tempo os homens todos moravam na grande pedra. 2 Entretanto os bichos todos fora (da pedra) moravam. 3 Um homem em tatu virou e saiu. 4 Não havia sol. 5 O homem estava acostumado. 6 Então fina e escura pa-

nela o tatu fêz. 7 Com tucum lá em cima dependurou. 8 Então um tatu pequeno e outro foram juntos para depressa tirar e trazer. 9 Então o tatuzinho subiu. 10 Olhou. 11 O outro falou: 12 — “Depressa! 13 Lança abaixo, rápido!” 14 O pimanci o tucum arreventou. 15 Então a panela caiu.

16 Então veio uma névoa fumarenta. 17 Escureceu. 18 — “Não quero escuro!” 19 O pimancy, o püpy fugiram. 20 O tatu (que fêz a panela) chegou, olhou. 21 A panela foi ver. 22 Falou: 23 — “Quem foi?” 24 — “O outro despedaçou.” 25 Atrás do outro saiu. \*26 O püpy viu-o. 27 Entretanto o pimanci escondido estava no buraco. 28 O tatu e o püpy conversaram. 29 O püpy mentiu: 30 — “Ninguém soltou.” 31 — “Quem foi que soltou?” 32 — “Não sei!” 33 O tatu foi-se embora. 34 Então ao pimanci falou: 35 — “Sái, o outro foi-se embora.” 36 Então o pimanci saiu. 37 Entretanto o tatu recolheu os pedaços, 38 uma panela pequena fêz com os pedaços. 39 De novo dependurou. 40 Depois veio a madrugada, 41 depois anoiteceu. 42 Veio a madrugada, anoiteceu. 43 Então amanhecia, anoitecia: não havia sol.

A esta lenda deve-se acrescentar outra, que narra um episódio acontecido na trama da lenda que acabamos de apresentar. Depois que veio a noite e antes de madrugarem, é que tem lugar a presente lenda. Quem teve parte quase exclusiva no ensino desta lenda foi Clovis Nhanuri, índio mais idoso do posto de catequese de Utiariti.

1 Nãinamahan münktomak.reiundá. 2 Ulapá, mãinhan, meli mi. ú ikiamak.meiundá. 3 Mankinainú iept.ê. 4 Ulapá panamak.reiundá. 5 Ualá: 6 — “Malatolorani”. 7 Nãinamahan tohmák.reiundá. 8 Ahmak.reiundá: 9 — “Marohú!” 10 Ualá: 11 “Meli marohmian, ahmararan!” 12 Meli ualamak.reiundá: 13 — “Maroleiramüntxo! 14 Aleimatian! 15 Ialumbatian!” 16 Ulapá ioniehê ualamakreiundá: 17 “Ialumbaleirapasan, marohmian, ohmararan!” 18 Mãinhan aualamak.reiundá: 19 “Ialumbaleiramüntxa! 20 Iamanãikiran! 21 ma. ahmarantxa.” 22 Mãinhan ualaieiomak.reiundá. 23 “Nangegená malãitacinandá!” 24 Iepte takepü, inxankehü, alauakehü iepte iamanmak.meiundá. 25 Münkto.makreiundá. 27 Ilehê ximaptetak.reiuak.reiundá münktomak.reiundá. 27 Ilehê ximaptetak.reiundá.

1 Entretanto veio a noite. 2 O menino, o pai, sua mãe, moravam. 3 Mosquito bastante. 4 O menino chorava. 5 Falou: 6 — “Estou triste.” 7 Então saiu de casa. 8 Olhou: 9 — “Madruga!” 10 Falou: 11 — “Mãe, está madrugando, veja!” 12 A mãe falou: 13 — “Não amanhece! 14 Não está vendo! 15 Mentira!” 16 O menino de novo falou: 17 — “Não é mentira minha, está madrugando, olha!” 18 O pai olhou e disse: 19 — “Sem mentira vem! 20 Dá presente para êle! 21 Aurora olhando achou!” 22 O pai falou que estava alegre. 23 — “Agora ficou bonito!” 24 Muito bracelete de tucum bastante deram. 25 Veio a noite, 26 depois veio a madrugada, veio a noite. 27 O sol estava escondido.

### Idehê myt.li poiti — A história do sol novo

O primeiro índio a me contar esta história foi Maurício Tupi. Comprovada depois pelo testemunho de diversos narradores, foi ditada por Tupi e por Uiakuri. Um completa o outro nos pormenores.

1 Idehê miatini. 2 Tohú moitari manãikê. 3 Nãinamahan irixi pakteita: 4 “Tatü iamankini.” 5 — “Akeni, 6 iamankalotini.” 7 — “Iamantuxini! 8 Mãipoitixalopani!” 9 Iamalamakintasimak.reiundá. 10 Irixi nankemüntini. 11 Mãitapoiti: 12 “Küküaküüpüni.” 13 Ualakin: 14 “Manantapkianá manan tolotini! 15 Xikihinakatá palãinkini!” 16 Idehê manatomak.reiundá. 17 Irixi ualá: 18 “Apukuloli!” 19 Puitatemü apukolohú. 20 Küküakü nantatemün. 21 Puirá “u-u-u”. 22 Küküakü namüü aná “io-o-o!” 23 Idehê küküakü üpüleirá, 24 nantatemün tatalümbamak.reiundá. 25 Irixi iepte olipalü tokaremündá. 26 Nãinamahan idehê tomak.reiundá. 27 Temi ohtugmak.reiundá. 28 Idehê nadüpiu ikiamak. reiundá. 29 Idehê myt.li manankian atikepu manãamak.reiundá. 30 Kiaipxi a. mak.reiundá. 31 Namüü uala mia malãintakalokeistatini! 32 Ken-intapahetani! 33 Quentapuê: 34 “Amalãintakaloximini!” 35 Ioni idehê amak. reiundá ialumbaulá: 36 “Aleirá, sein-ialumbá!” 37 Namüü iepte manãimpahá pakalepá. 38 Idehê iepte a.mak.reiundá, 39 namüü iepte idehê a.mak.meiundá. 40 Idehê ualá: 41 “Namüü malãintá!” 42 Namüü ualá: 43 “Mia malãintá!” 44 Namüü ualá: 45 “Nangegená takulipatatalkiu kiúlupalí!

46 Idehê münkü puitapu kekülü ankasopunemündá namei-an ankaleiramak.meiundá.” 47 Ieptêiudá topakalepá. 48 Namüü inixaialumbaualá: 49 “Nangegená idehê anka malãinta ituku. 50 Ankakiran!” 51 Idehê ankamak.reiundá. 52 Namüü kanankali to.ú mihí. 53 Nãinamahan malãintá manãinumak.meiundá. 54 Tamnamahan dehê xahü. 55 Unkundehü.mak.reiundá. 56 — “Xalokixiran! 57 malãinta kaloketocinitamoiti! 58 Itukukiran! 59 Malãinta peririkikacini!” 60 Iamankalo siksána. 61 Namüü kanankali teptiínmak.meiundá. 62 Namüü malãinta idemöt.li takümbamak.reiundá. 63 Idehê myt.li idemoitathehu taikiutohú. 64 Iepteainá utatuoiimpahamak.meiundá. 65 Akeptoni.

1 O sol é homem. 2 Andava e no meio do rio deu muita água. 3 Então a abelha jati pediu: 4 — “Borra do mel dá.” 5 — “Não dou, 6 tenho muito pouco.” 7 — “Um pouco para mim! 8 Segrêdo contar a você!” 9 Repartiu. 10 Por isso o jati tem angu. 11 Em segrêdo contou: 12 — “O boi d’água come gente.” 13 Fala: 14 — “Não suba logo da água, a água desce! 15 Na praia branca você fuja!” 16 O sol viajou pela água. 17 A abelha falou: 18 — “Pula depressa!” 19 Firmou-se com força e pulou. 20 O boi dá-gua afundou. 21 Gritou “u-u-u.” 22 Do boi d’água a mulher escutou “io-o-o!” 23 O sol o boi d’água não comeu, 24 afundou e virou buritizinho. 25 As abelhas todas voaram e se foram embora. 26 Então o sol foi-se embora. 27 Mais adiante viu gente. 28 O sol velho morava lá. 29 O sol novo perto do rio em baixo de um pau viu trabalhar. 30 Perto olhou. 31 Uma moça falava com o homem muito bonito é que eu quero! 32 Queremos casar! 33 Uma (falou): 34 — “Viu um muito bonito!” 35 Outra o sol viu e pregou mentira: 36 — “Não viu, você está mentindo!” 37 As moças todas saíram ao rio tomar banho. 38 O sol a todas viu, 39 as moças todas o sol viram. 40 O sol disse: 41 — “Moças bonitas!” 42 As moças falaram: 43 — “Homem bonito!” 44 Elas falaram: 45 — “Agora vamos matar o velho feio! 46 O sol escuro sem força mau comia tudo, os outros não comiam.” 47 Todos brabos sair a tomar banho. 48 As moças voltaram à casa e mentiram: 49 — “Agora o sol come e em bonito deita. 50 Come!” 51 O sol pôs-se a comer. 52 As moças logo cavaram buraco. 53 Depois bonito fizeram. 54 Depois o sol veio. 55 Ali chegou. 56 — “Deite-se! 57 bonita bela cama está feita! 58 Durma! 59 Bonita e é verde!” 60 Passou um pouco e caiu. 61 As moças logo fe-

charam o buraco. 62 Uma moça bonita com o sol novo casou. 63 O sol novo até o meio chegou e voltou (do céu). 64 Todos o fogo tomaram e levaram adiante. 65 Fim.

### O comêço do mato e do fogo:

(lenda contada mais completamente por Tupi)

Primeiro só havia campo. Não havia mato.

Numa família os irmãos jogavam bola e um dos grandes machucou o menor, pouco acima do joelho (inankateci).

A tia ralhou com os irmãos e mandou-os buscar abacaxi (alehê).

Quem bebeu o remédio do menino foi o marido da tia (sic). Ela disse ao doente: "Aqui há muita gente, você não vai matar ninguém!" Ele fez arco e flecha e disse: "Vamos caçar, aqui perto há seriema".

Depois, quando voltava à casa disse: "Vou matar pai e mãe e vou morar aqui mesmo." E discutiu com a tia e disse: "Gente pequena tem casa igual aos outros mas eu não sou pequeno!"

— "Você experimente!" — disse a tia.

— "Eu experimento!"

Apanhou a ponta de uma flecha (iulá) e foi perseguindo e matando todo o mundo. Subia nos lugares altos para matar. De um dos irmãos mais velhos tirou o coração. Do outro tirou o fígado. O que pôde, fugiu.

Um animal então falou: "Para que!? Matamos tudo, seu pai, sua mãe, que coisa vai matar agora?"

O homem atirou nos bichos e quando atirava ia tudo virando mato. Pela primeira vez houve mato e o mato se levantou. Agora tudo é mato.

Procurou o pau iakülü, esfregou (ichtatopá) e conseguiu fogo.

Assim é que começou o fogo.

### Mopö.í poiti — História da roça

1 Muk.lori tikianlakulapá meli karehmak.meiundá. 2 Meli, ualatkenanci! 3 ipistopasan! 4 — "Kímanapanan ipistobasan?" 5 Poixikiaipxi, 6 ipikiaipasan arekentakpuê. 7 Idamaitakehêualamak.reiundá. 8 — "Toulonanankiran, 9 naki-ran, 10 patapuipiankiran!" 11 Meli toulonanan 12 ieptê palalümbá kentaximimakreiundá. 13 — "Meli patambatolopkiran, 14 alenkuleitopani. 15 Tokiran tohtakira ulipalansa-

leitotian 16 alenkuleitoparan. 17 Tohtakiran mananuxiran atohú, 18 xipkiuci, puiti, atoci, 19 iepte anka manainú." 20 Iepte palaleimbá ualamak.reiundá: 21 — "Tolopasan ieptemanáinulopasan." 22 Nāinamahan teptimbahmak.reiundá. 23 Ulapualá: 24 — "Matci tpextaleikiran! 25 Poiteptenkirán, 26 xankupalānkintokiran, 27 tempten.alipalānkiutokiran!" 28 Meli teptebahixankunkutomak.reiundá. 29 Nāinamahan tikiantakulepa takahametini: 30 oehmanxahūmak.reiundá, 31 mopö.í iepte.ê poiá manainumak.reiundá. 32 Iulapa alenkumak.reiundá möpö.í köia klauötikumak.reiundá: 33 mimankepci, kuritakehê; 34 maptekexi, comāinterú 35 mehtapaci, kumantamaxi; 36 matci, mypy; 37 naimihi, onomaí; 38 mimanci, myn.ín; 39 inakateci, kuriuxi; 40 piambakamankeci, münxi; 41 böhy, ialauê; 42 naxeuxi, paidê; 43 xuxi, unan. 44 Nāinamahan meli atoci, piri, xipkiukú, eiptema nāisogutulimak.reiundá. 45 Nadepiuualamak.reiundá: 46 — "Nangegena arematolumba, 47 iulapá toxaleirapotohú!" 48 Üntamáualámak.reiundá: 49 "Arê ualosan, 50 iulapa iananken-inleira tonxaleiratosan! 51 Takasapareitan puiiritximahan!" 52 Mopöikentapxi amak.reiundá. 53 Iepte mörumamak.reiundá. 54 Kulapasini aleiramak.reiundá. 55 Meli palembaleirá, 56 mǎinhan-ieptepalembá: 57 — "Kikiakimanitolunampatian?" 58 — "Iulapa ualararantolumanampapasandá, 59 uala mǎinhan iuri udá." 60 Nāinamahan unan toleipu, 61 myn-yn öia, 62 manhani biuni 63 takapexmak.reiundá. 64 Iní mǎintatomak.reiundá, 65 mǎintaankapalopasan: 66 mǎita tankalopasan. 67 Uuaxi mananciritomak.reiundá, 68 ini ionkehê tosanannakereundá. 69 Namüoní pamankalamak.reiundá 70 maioni tamimhankamak.reiundá. 71 "Malǎintaci!" uala. 72 "Uuaxi, epikiman-auaxatini? 73 anka ma.í. 74 Kauê! man.ín! Keuá!" 75 Tem-mamakreiundá inioní tosanann, 76 iulapá meli iudamak.reiundá 77 "Iamtakini uuaxi kimanraratini?" 78 — "Takpaani!" 79 — "Kimanxaratini?" 80 — "Paitaleiramáikiti! 81 Iulapa my.inklauötimak.reiundá. 82 Uuaxisauanmak.reiundá. 83 Seimiulapá iepte hexanemoimü! 84 Iulapá quentapuê tolunataimkiran!" 85 Nāinamahan namüü xipkiu initosaualamak.reiundá: 86 "Ari kentápxiulapá my.ín kleuaötimak.reiundá ekípu quentapxi my.ín anka. 87 Marumü totanilopani." 88 Mokionaci pohmak.reiundá: 89 tikiantanleiraiulapá my.inklauötakaleiramak.reiundá. 90 Nāinamahan mamüü mǎinta iepte tosanann my.in-ánkaiepte.ê. 91 My.ín akeptoneundá. 92 Koia tolumaleiramak.reiundá. 93 Münkü iepte.ê nangegená my.ín ankaleirá. 94 Poiti akeptoni.

### Os pormenores são contados assim:

1 Meli molehü koletan atohú manaini ulakulepá man. in ideipahaukeitî, aipoletank amak. reiundá. 2 Xipkihú min-hín alikiulepá intá xipkihoniehê mãikianá mihí toluná ohin. in, telanká. 3. Iuöhê tutohú in. hín, münkey o. ú oparohú iamantohú tamnamahan kletata. 4 Münkü nangegená my-in-leirá. 5 Keuá iamta to. uionieheanká.

1 Faz tempo o filho do capitão e a mãe saíram a passear. 2 Mãe, aqui limpo, falou! 3 quero ser enterrado! 4 — “Por que aqui enterrado?” 5 Mato bonito perto, 6 aqui morarei sozinho. 7 Meio dia falou: 8 — “Cava um pouquinho, 9 deita-me, 10 põe-me de braços!” 11 A mãe cavou um pouco 12 muito chorou porque tinha só êle. 13 — “Mãe, não chore, 14 não vou morrer. 15 Vai, e voltando, não brigue não (não bata), 16 não vou morrer. 17 Ao voltar faça peneira, 18 panelinha, cesto, apá, 19 tudo o que é pra comer.” 20 Muito chorou e falou: 21 — “Vou-me embora e tudo farei.” 22 Então fechou com terra. 23 O filho falou: 24 — “A cabeça não enterra! 25 Depressa faça, 26 deita depressa, 27 enterra e logo corre depressa!” 28 A mãe enterrou e muito depressa foi-se embora. 29 Entretanto o filho do cacique era sabido: 30 saiu para fora, 31 roça grande depressa trabalhou (fez). 32 O menino não morreu e uma roça bela (boa) tornou-se; 33 a unha, amendoim; 34 a costela, feijão miúdo; 35 estômago, feijão grande; 36 a cabeça, cabaça; 37 o fígado, cará grande; 38 o braço, mandioca; 39 o joelho, porongo pequeno; 40 a canela, mandioca braba; 41 o penis, araruta; 42 o escroto, (?); 43 o intestino, batata. 44 Então a mãe apá, chiri, panela. tudo preparou. 45 O marido disse: 46 — “Agora eu estou triste, 47 o menino saiu e não voltou!” 48 Ao marido (a mulher) disse: 49 — “Eu falei, 50 o menino ouvir não quis não quis voltar! 51 Eu vou olhar o menino carrego o chiri!” 52 Uma roça só viu. 53 Tudo estava maduro. 54 O menino não apareceu. 55 A mãe não chorou, 56 o pai muito chorou! 57 — “Porque você o foi enterrar?” 58 — “O filho disse para o enterrar, 59 falou do pai mau não gostava.” 60 Então batata arrancou, 61 mandioca arrancou (mansa), 62 a braba arrancou 63 e encheu o chiri. 64 A casa escondida voltou, 65 escondida comeu: 66 escondida assou comeu. 67 Uma formiga da mandioca carregou, 68 casa outra entrou. 69 Outra mulher ajuntou 70 gran-

de massa, assou e comeu. 71 "Que bom!" falou. 72 — "Formiga, donde tirou e trouxe? 73 comem muito. 74 Que! massa! Gostoso!" 75 Procurou, outra casa entrou, 76 do menino a mãe ficou furiosa. 77 — "Dá-me a formiga como carregou?" 78 — "Não sei!" 79 — "Por que levou?" 80 — "Não pede não! 81 O filho mandoca tornou-se. 82 A formiga carregou. 83 Vocês menino muito possuem! 84 Menino um só enterrar queriam!" 85 Então a mulher saiu na casa entrou e falou: 86 — "Aquele um só menino mandioca tornou-se mandioca a mulher sòzinha mandioca come. 87 Amanhã vou, experimentarei". 88 Cará nasceu: 89 não era de cacique filho mandioca virar não sabia. 90 Entretanto a mulher escondida muito entrou mandioca comeu tôca. 91 A mandioca acabou. 92 Rama não plantaram. 93 Iranches todos agora mandioca (mansa) não comem. 94 A história acabou.

1 A mãe lavou, ralou, na peneira apertou, derramou a água, ao sol fora deixou, assou e comeu. 2 Na panela dentro guardou, despejou panela noutra a água de mandioca, num buraco o polvilho deixou sedimentar, assou e comeu. 3 Ferveu a chicha, esfriou, bebeu, a rama enterrou, nasceu, cresceu e depois se arrancou. 4 Os Iranches agora não têm mandioca. 5 Ao civilizado pede, planta de novo e come.

### ĩun-ì mö.ö poiti — História do urubu e do fumo

1 Mia ypy, 2 ioní iudá. 3 Ialumbaiudaualá: 4 "Amohú pamaiantakiní!" 5 Opaioní pokuloselemek.reiundá. 6 Ionmakeuarohú. 7 Nãinamahan patangaci ualá: 8 "Eipan sele nakaiaru?" 9 Miá ualá: 10 "Iaualeirani ioní pokuloselemek.reiundá. 11 — Sauátorakini!" 12 Patangaci amehü tepamanxatosauamak.reiundá. 13 "Are puitapu tolopaní!" 14 Nãinamahan ĩun.ì karüthmakereundá ĩun.ì makeuiolehê: 15 — "Eipan selenakaiuru?" 16 — "Ioní iudá pokulosenlemek.reiundá. 17 Sauatorakini!" 18 Xapaci maxühün mia kalentukumak.reiundá. 19 Mekiusauatosimak.reiundá. 20 Pata-süpuramak.reiundá. 21 Poiatsitukuikiatoxameiundá. 21a ĩun.ì mokoskinimak.reiundá. 22 Numa: kantamehü ioniudá. 23 ĩun.ì mö.ö mehü ipiaiamtamak.reiundá iamasöin-moraiumak.reiundá. 24 Nãinamahan mö.ö mehü miá mãinkümessohümak.reiundá. 25 Inixatoutatumak.reiundá. 26 Ionselüopanxamak.reiundá. 27 "Panmöiamanankini. 28 Ipiaretani". 29 Iamamoraiu. 30 Idaiutú. 31 Xikisohú. 32

Palãinkiolohú ximihuolituku. 33 Mía inunlohú tukuolan-hmahá. 34 "Poiarokiní! 35 Ulapaselínakaranaxú; 36 alenkusolini!" 37 Ulipamatinhemak. reiundá. Olipatatalinkian-dá. 38 Xenta: 39 "iun.ì karüpkini!" 40 Karakini. 41 Oparotini ialökumì üpümak.reiundá. 42 Kentapüê iun.ì mököakininmak.reiundá.

1 Um homem fêz desonestidade, 2 o outro ficou furioso. 3 Mentiu irado dizendo: 4 "Fruto colhe para mim!" 5 No alto o outro, foi-se embora tirando a vara. 6 O outro ficou magro. 7 Então um macaco perguntou: 8 "Que bicho é êsse?" 9 O homem falou: 10 — "Não sou bicho, outro saiu deixando-me. 11 Tira-me daqui!" 12 O macaco um fruto quebrou e água trouxe. 13 "Não tenho fôrça, adeus!" 14 Depois o Urubu andou perto dêle urubu magro e fedorento: 15 — "Que bicho é êsse?" 16 — "Outro irado foi-se, tirando a vara. 17 Tira-me daqui!" 18 Pela asa e pelo ombro o homem subiu ao pescoço. 19 De vagar desceu. 20 No chão deixou. 21 Numa cabeceira dormiram e chegaram em casa. 21a O urubu é que tinha fumo (só êle). 22 Dois: um bom e outro brabo. 23 O urubu o fumo a fumar deu e deu o brabo a guardar. 24 Então o fumo bom o homem engordou. 25 Voltou para casa, levou fumo. 26 O outro que o deixou no alto chegou. 27 Pediu: "Fumo dá prá mim. 28 Fumaremos". 29 Deu o brabo. 30 Ficou tonto. 31 Virou tamanduá. 32 Correu, e com medo dormiu. 33 O homem foi atrás dormindo achou de dia. 34 "Acorda logo! 35 Bato porque tirou a vara; 36 vai morrer." 37 Bateu na cabeça matou e na terra deixou. 38 Chamou: 39 "Urubú vem comer!" 40 Veio olhou. 41 Esperou e podre comeu. 42 Sômente o urubú tem fumo.

### Kuratú poiti — História do milho

Esta lenda foi narrada por Uiakuri

1 Ian anapoiti. 2 Münkü tohú inioni kekanan. 3 Mato-leixi tostakohú ualá: 4 "Xakini! 5 Ino makü kuratu!" 6 Maku iní tostakohú papui patankehü takümbá, kuratu iopankehü. 7 Matoleixi ualá: 8 "Máitá kuratu iamtalopani." 9 Auitata kentapui. 10 Münkü anamáitá. 11 Kuratkeci máita tohú poimehü patoimeni ahin-in tehü mopö.í iamaci; 12 moküntapui toluná 13 pöhü 14 oparohú 15 mi-in numa 16

kuleidukú miptohu 17 auá 18 sin-in ankaleira. 19 Ma.í tehü o.ú iepte pöhü kuratu ankaleira sin-ín. 20 Münkü iepte iaualı topü. 21 Mia uala: 22 — “Kanankotometi! topületkini makü kuratu sauá!” 23 Ualá makü udá palüpalipú topü iepte.ê sauauai. 24 Mia balalümbá numanci kuratuxohú. 25 Xeti. 26 Münkü namanxohú, 27 nangegená kuratu ankáiepte. 28 Poiti akeptohú.

1 Meu pai contava. 2 Um Iranche saiu outra maloca morou. 3 O grilo chegou e falou: 4 “Vem cá! 5 Na casa do morcego há milho!” 6 Do morcego à casa chegou, a rêde embaixo arrumou, o milho em cima. 7 O grilo disse: 8 “Escondido o milho dou”. 9 Tirou um só grão. 10 O Iranche na orelha escondeu. 11 O grão escondido, saiu bom mato, bôa terra procurou, derrubou roça pequena; 12 o único grão plantou, 13 vingou, 14 cresceu 15 espigas duas 16 cuidou secas 17 tirou 18 guardou não comeu. 19 Grande derubada plantou tudo cresceu, milho não comeu, guardou. 20 Os Iranches com folha brincaram de peteca. 21 O homem falou: 22 — “Que! não brinquem o morcego o milho tira!” 23 Falou e o morcego, irado, levou, o brinquedo todo carregou. 24 O homem chorou o resto do milho ficou. 25 Cuidou. 26 Os Iranches o resto guardaram; 27 agora o milho abundante come. 28 Fim.

### História dos filhos da anta

Esta história foi contada por Luis Tamuri.

Um homem virou anta. O filho chorou. Porque o filho chorou? Porque o pai fazia desonestidade e a mesma coisa a mãe fazia com um filho. Ele foi arrancar mandioca pegou a mãe e fez com ela. O irmão maior também fazia.

Brincou com a mãe. Tapou-lhe os olhos e largaram e correram. A mãe ficou furiosa. O filho chega ligeiro à casa e faz chicha e biju para a mãe.

Todos chegaram em casa.

O filho perguntou: “Quem quer peixe, quem come?”

A mãe respondeu: “Eu não quero peixe, quero catar piolho.”

O filho menor disse: “Não gosto que me catem piolho.”

A mãe acendeu o fogo. O marido foi buscar tucum e não viu nada.

A mãe catou tudo. Levantou ligeiro, jogou o fogo longe e virou anta. Virou anta porque fazia desonestidade.

O marido depois virou anta também. Os filhos não viraram anta. Os filhos tomaram muito banho.

As antas comiam fruta de capim do mato (iun.i) e depois iam ver os filhos. Um irmão apanhou caju do mato. Chorou até virar anta.

Passou-se um ano e veio caju outra vez. Um dos filhos viu um rasto de anta no cajual. Observou e viu muita anta.

Disse: "Vamos matar anta."

Passou-se mais um ano e veio caju outra vez. Identificaram o pai e a mãe, porque não tinham braço de anta mas de gente. Um deles matou pai e mãe, porque não gostou que se tornassem anta, pois tinham feito desonestidades.

Um dos filhos tomou muito banho.

Apareceu depois um gambá trazendo biju e matrinchã (peixe). Antes era gente. Aquêlê filho que tomava muito banho disse ao gambá: "Vou com você." O gambá mostrou a roça. Havia muito milho, batata e mandioca. O gambá perguntou: "Você quer trabalhar para mim na roça?"

Aceitou.

O gambá foi ao rio e não voltou. O outro ficou até a noite. Lançou uma ventania e fêz a derrubada num só dia: grande derrubada.

A mulher do gambá ficou intrigada com a ausência.

— "Onde está meu marido?"

— "Foi ao rio e não voltou."

— "Você vai matar meu marido de noite!"

A mulher do gambá, revoltada, não deu de comer a êle.

— "Seu marido chega depois."

Êle saiu e foi-se embora. O gambá voltou depois e viu uma grande roça feita num só dia. Perguntou pelo homem.

— "Foi-se embora!"

— "Então você vai buscar o homem!..."

O gambá foi buscar o homem. Êle disse: "Eu não quero mais nada com você." O gambá voltou.

Os filhos das antas voltaram para o antigo lugar, e com muita fome. Tomavam muito banho. Tomavam muito banho, para não se tornarem anta, como o pai.

Andaram longe. Encontraram a lagartixa. Os bichos de primeiro eram gente mas a lagartixa primeiro virou tatu, depois ficou sendo lagartixa.

— "Lagartixa, onde é que você vai?"

— "Vou atrás do tatu."

Os irmãos deram com o tatu e o mataram. A lagartixa gostou e disse: "Vocês venham ver meus filhos."

— "Não! Vamos adiante."

A lagartixa foi-se embora e os homens caminharam. Viram uma paca.

— "Quem é aquê?"

— "Paca tirando mel."

— "Derrubem o mel para nós!" Mas o pica-pau era o dono do mel.

— "Vamos matar o pica-pau e comer o mel."

Seguiram adiante. Deram com uma maloca de gente antropófaga.

— "Quem que mora aqui? Vamos adiante!"

— "Eu quero esperar aqui. Quero ver gente bonita!"

Depois foram adiante. Dormiram no mato e seguiram à frente.

Um encontrou um jacu. Lançou uma flecha. O urubu veio e escondeu a flecha. O homem procurou e não achou nada. Atirou uma segunda e o urubu ainda escondeu. Atirou mais uma vez e viu o urubu apanhar a flecha.

— "Ah! Você que apanhou as flechas?"

— "Estou brincando. Onde você veio? Não ande mais. Tem de ver minha família e vai trabalhar para mim."

O irmão menor disse: "Não quero, porque o urubu fede." O mais velho retrucou: "Eu quero ficar na maloca do urubu!" Os dois brigaram e depois foram para a maloca do urubu.

Os filhos do urubu eram muito feios. O irmão mais velho casou com os urubus porque eles eram muito perigosos e comiam gente.

O urubu mentiu e disse: "Vamos pegar tatu."

Um tatu entrou no buraco mas o homem o pegou lá dentro. O urubu ia espetar o tatu mas queria matar o homem. Deu jeito no pau para dar nele. O pau quase pegou no pescoço do homem.

O homem assustou-se e deixou ligeiro o buraco.

— "Desculpe-me!" — disse o urubu.

— "Agora você apanha!" — disse o homem e matou o urubu.

Chegou à casa e disse para a sua mulher: "Matei seu pai."

— "Vamos matar mamãe!"

Mas a mãe sabia correr. Ligeira saiu e foi chamar os marimbondos. Os homens enterraram tôdas as coisas da família.

Vieram os marimbondos e perseguiram tôda gente e ma-

taram os irmãos com picadas, menos o irmão menor. Este ficou triste e magro.

Ele disse: "Vou defecar, você fica aí!"

Entrou dentro da casa e a mulher do irmão ficou fora. Dentro da casa transformou-se em gavião fumaça.

A mulher chamou: "Vem cá!"

Foi-se embora. Assim acabou a história.

### A História do macaco

História narrada por Clovis Nhanuri e confirmada.

Um homem era sabido. Com mais um companheiro quis comer carne. Mas a região onde iam era perigosa, os homens eram antropófagos. Mas o homem era sabido e levou um companheiro, que era um macaco. Naquele tempo o macaco falava.

Lá dançaram muito, porque havia carne para comer. O macaco sabido tinha dito para o companheiro que iriam comer carne onde os índios dançavam.

Encontraram outro bugio e disse: "Vou à maloca comer carne!" O bugio respondeu: "Vou com você!"

Lá na maloca uma mulher conversava para os homens dormirem. Depois de dormirem eram mortos. Depois iam para a panela.

Chegaram lá. Olharam e viram muita carne. O índio deu carne. O macaco então disse: "Aqui é bom, então eu venho para cá."

Uma mulher falou: "Vamos tomar banho!"

Levou muita gente para tomar banho, muita gente, muita mulher bonita.

Depois perguntou: "Vocês tomaram banho bem?" E depois veio a noite e muita dança.

O macaco e o homem, porque eram espertos disseram: "Sou outra gente, quero contar história." Contou muita história e a mulher dormiu. Quando não sabia o que contar mentia bastante e a mulher foi dormindo.

O macaco comeu bastante e ainda deixou carne para depois. De madrugada fugiu, comeu muita carne e ainda levou carne embora. Foi para outra maloca.

O irmão do homem esperto então disse: "Também vou comer carne." Muita gente chamou a atenção dêle: "Você, se come, morre!"

Respondeu: "Eu sou sabido, fujo e volto logo!"

Andou. Encontrou o mesmo macaco esperto. O macaco perguntou: "Onde você vai?"

Ele respondeu: "Vou indo, por que você pergunta bugio?"

O bugio respondeu ainda: "Espero você. Vamos ver se volta!"

Matou o macaco. Ele não é esperto porque não quer companheiro.

Foi adiante. Encontrou um lobo. Atirou e errou.

O lobo falou: "Quero ver você voltar!"

Chegou. Tomou banho. Dançou e comeu tudo sem escolher. Contaram muita história para ele e dormiu lá mesmo.

Os índios antropófagos o jogaram numa panela grande e cozinham e comeram.

Os bichos contaram ao homem esperto. "Seu irmão morreu!" — disse o lobo.

Ele então foi à maloca dos índios antropófagos. E' muito esperto e ninguém sabe as cousas que conhece.

Os índios moravam numa caverna. Havia muita gente reunida. Fêz fogo na entrada da caverna e ninguém saiu. Deitou drogas no fogo. Muita gente morreu, mas gente ainda tossia. Deitou mais droga no fogo e ainda havia alguns tossindo. Deitou mais droga e ainda um tossiu. Deitou mais e ninguém tossiu. Todos morreram.

Ficou então morando naquela caverna.

### História das estrêlas

Esta história foi contada diversas vezes, mas foi impossível obter um relato completo em língua iranque. Dou apenas a parte em português, com os pormenores possíveis. Mas fica completa nas partes essenciais, mais que no relato de "Pesquisas" 1, 1957.

Dois moravam juntos. Desejaram ir às estrêlas. Dormiram. Um sonho. (Os índios disseram algo sobre os sonhos. Cosa impossível de se certificar).

Logo veio uma estrêla e conversou com eles e dormiram juntos...

Outro dia sonharam de novo e veio a estrêla de novo e os levou para cima. Recomendou cuidado, porque as pessoas eram antropófagas. Disse ainda que atirassem bem alto, porque os animais eram grandes e passavam como que voando, de tão altos que eram.

Recomendou cuidado porque os animais comiam gente.

Chegaram lá e foram caçar. Um homem era tolo e lançava a flecha muito baixo e só atingia o joelho dos animais e não matava. O outro era esperto e lançava a flecha alto e lançava antes do animal chegar bem em cima. A flecha entrava perto do sovaco e o animal morria. Mas logo que um animal morria os outros vinham e carregavam e comiam e os homens ficam sem nada.

Aconteceu que um animal ferido pelo homem tolo, o tomou e comeu. O companheiro e a mulher ficaram consternados.

A mulher disse furiosa para os habitantes da estrêla: "Por que comem o homem? Deixem ao menos meu marido!"

Vieram então os homens da estrêla e convidaram o homem da terra para jogar bola. A mulher não deixou e disse: "Por que vccês querem comer a êste também? Não vai jogar bola!"

O homem da terra disse: "Deixa, sei que me vão comer, mas eu tenho coragem. Quero vingar meu companheiro!"

Naquela hora um homem da estrêla lançou na canela do homem da terra uma bola dura e pesada. Caiu no chão. Os homens da estrêla o comeram.

A mulher ficou que não se continha de raiva. Depois pregou mentira e disse: "Vocês vão caçar agora. Vi muito porco do mato." Ela mentiu muito.

Ela disse: "Num lugar há muito coqueiro. Ali se ajunta muito porco do mato. Vou fazer fogo e tudo virá àquele lugar e do fogo também sairá porco do mato."

Êles foram caçar. Encontraram rasto de porco do mato e chegaram a uma manada.

A mulher acendeu fogo com folhas de coqueiro e as folhas crepitaram e davam a impressão de uma manada de porcos. Os homens escutando o rumor deram no lugar e ficaram desapontados, porque não havia porco do mato nenhum. Foi então que resolveram pular dentro do fogo.

Cada um queria transformar-se em um animal, conforme a sua vontade ia-se transformando.

Assim acabaram todos os homens e só ficaram mulheres nas estrêlas.

Um quis queimar bastante e virou macaco preto. Outro quis menos e virou macaco vermelho, outro virou ouriço, outro quis virar macaco ou animal branco e queimou muito pouco. Outro só tostou e ficou sem pêlo. Outro virou ouriço.

Acabaram-se os animais na estrêla.

## PESQUISAS

### Publicações de Antropologia

1. UM PARADEIRO GUARANI NO ALTO URUGUAI — Inácio Schmitz, S. J. — Pesquisas 1, 1957, 122-142.
2. OS IRANCHE, CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO ETNOLÓGICO DA TRIBO — José de Moura, S. J. — Pesquisas, 1, 1957, 143-180, 293-295.
3. PARADEIROS GUARANIS EM OSÓRIO (RIO GRANDE DO SUL) — Inácio Schmitz, S. J. — Pesquisas 2, 1958, 113-143.
4. PESQUISAS PALEO-ETNOGRÁFICAS NA ILHA DE SANTA CATARINA — Alfredo Rohr, S. J. — Pesquisas 3, 1959, 199-266.
5. A CERÂMICA GUARANI DA ILHA DE SANTA CATARINA E A CERÂMICA DA BASE AÉREA — Inácio Schmitz, S. J. — Pesquisas 3, 1957, 267—324.
6. SCHMUCKGEGENSTÄNDE AUS DEN MUSCHELBERGEN VON PARANÁ UND SANTA CATARINA, Südbrasilien — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 6; 60 pp.
7. OBJETOS ZOOMORFOS DO LITORAL DE STA. CATARINA E PARANÁ — Guilherme Tiburtius e Iris Koehler Bigarella. — Pesquisas 1960, Antropologia n. 7, 51 pp., 13 tab.
8. PESQUISAS PALEO-ETNOGRÁFICAS NA ILHA DE SANTA CATARINA, II — A. Rohr, S. J., Pesquisas 1960, Antropologia nr. 8, 32 páginas, 5 figuras, 1 mapa.
9. JUAN DEL OSO EN LOS TUZTLAS — J. Hasler, Pesquisas 1960, Antropologia nr. 9, 17 páginas.

**Gráfica da Universidade**  
Publicação nº 306